



UNIVERSIDADE DE SANTA CRUZ DO SUL
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA - MESTRADO
PROFISSIONAL EM PSICOLOGIA
ÁREA DE CONCENTRAÇÃO “SAÚDE MENTAL E PRÁTICAS SOCIAIS”

Andréa Da Silva Dantas Santos

A DOCÊNCIA E SEUS (DES)PRAZERES NO CONTEXTO
DA EDUCAÇÃO INFANTIL

Santa Cruz do Sul
2023

Andréa Da Silva Dantas Santos

A DOCÊNCIA E SEUS (DES)PRAZERES NO CONTEXTO
DA EDUCAÇÃO INFANTIL

Trabalho Final apresentado ao Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu Mestrado Profissional em Psicologia, Área de Concentração em Saúde Mental e Práticas Sociais, Linha de Pesquisa em Práticas Clínicas Contemporâneas, Políticas Públicas e Saúde Mental, da Universidade de Santa Cruz do Sul (UNISC), como requisito parcial para o título de Mestre em Psicologia.
Orientadora Prof^ª Dr^ª Edna Linhares Garcia

Santa Cruz do Sul
2023

CIP - Catalogação na Publicação

Santos, Andréa da Silva Dantas

A docência e seus (des)prazeres no contexto da educação infantil / Andréa da Silva Dantas Santos. – 2023.

105 f. : il. ; 29 cm.

Dissertação (Mestrado Profissional em Psicologia) – Universidade de Santa Cruz do Sul, 2023.

Orientação: Profa. Dra. Edna Linhares Garcia.

1. Trabalho. 2. Saúde mental. 3. Docente. 4. Educação infantil. I. Garcia, Edna Linhares. II. Título.

Elaborada pelo Sistema de Geração Automática de Ficha Catalográfica da UNISC
com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

Andréa Da Silva Dantas Santos

A DOCÊNCIA E SEUS (DES)PRAZERES NO CONTEXTO DA EDUCAÇÃO
INFANTIL

Trabalho Final apresentado ao Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu Mestrado Profissional em Psicologia, Área de Concentração em Saúde Mental e Práticas Sociais, Linha de Pesquisa em Práticas Clínicas Contemporâneas, Políticas Públicas e Saúde Mental, da Universidade de Santa Cruz do Sul (UNISC), como requisito parcial para o título de Mestre em Psicologia.

Aprovado em ____ de _____ de 2023

Prof^a. Dr^a. Edna Linhares Garcia - Professora orientador – UNISC

Prof^a. Dr^a. Karine Vanessa Perez–UNISC

Prof^a. Dr^a. Tânia Maria Cemin – Universidade de Caxias do Sul

Santa Cruz do Sul
2023

AGRADECIMENTOS

Cursar uma Pós-Graduação *Scriptu Sensu* sempre foi um objetivo presente na construção da minha formação educacional e profissional por considerar o mestrado uma etapa grandiosa no processo de desenvolvimento pessoal e como pesquisadora. Hoje, conseguir alcançar com êxito, a realização desse objetivo, evidencia o quanto acreditar nos nossos sonhos, objetivos e potencial nos faz trilhar o caminho da aprendizagem com determinação, e nos permite continuar avançando em busca de realizações tão sonhadas.

Sair do Nordeste e buscar por um programa de mestrado no Sul do Brasil, em uma cidade até então desconhecida e com uma cultura completamente diferente da vivenciada por mim, foi sinônimo de uma jornada longa e repleta de aventuras, uma vertente permeada por inúmeros desafios, medos, tristezas, incertezas, muitos percalços pelo caminho, mas também de muitas alegrias, descobertas, aprendizagens e estabelecimentos de bons vínculos com pessoas que tornaram essa caminhada mais leve.

Hoje, sou grata por esta decisão e pelo ser humano que me tornei ao longo do percurso trilhado, o que muito contribuiu para o meu desenvolvimento profissional e pessoal. Ao chegar neste momento de conclusão do curso, compreendo que fiz tudo no momento certo e da forma como deveria ser, reunindo os elementos necessários para construir este trabalho, de tamanho significado para mim e para a sociedade em geral, em especial aos meus colegas de profissão: Os professores da educação básica.

Andar por esse caminho só foi possível com o incentivo, apoio, energia e força de várias pessoas, com as quais pude contar durante esses anos e neste momento a quem dedico esta escrita.

Começo agradecendo a Deus, pai todo poderoso de infinita bondade, que em sua magnitude, me proporcionou saúde para que eu pudesse cursar todo o curso e enfrentar as longas viagens para Santa Cruz do Sul- RS no segundo ano de mestrado.

Agradeço aos meus pais, Maria Lúcia e Rildo, por todas as lições de amor, companheirismo, amizade, dedicação e compreensão, que sempre buscaram formas de incentivar a mim e a minha irmã, que desde a infância nutriram a importância do estudo, sempre salientando que o conhecimento ninguém poderá nos tirar. Sempre me proporcionaram o estudo sem nunca pouparem esforços para minhas qualificações e bem

estar, bem como, sempre acreditaram no meu potencial, sinto-me orgulhosa por ter pais tão especiais. Amo vocês!

Igualmente agradeço à minha irmã Amanda, que mesmo sendo a mais nova, tanto me ensina sobre coragem, determinação e persistência; ao meu cunhado Uaglyson e aos sobrinhos Rodrigo e Alícia Maria que mesmo estando distante sempre se fizeram presente, acompanhando meus passos e torcendo pelo meu sucesso. Obrigada por serem amor, presença significativa em minha vida e porto seguro em todos os momentos.

Agradeço aos meus avós Adenises e Cícero pelo alicerce semeado na infância e pela doçura com que sempre me trataram. Sem dúvidas, muito contribuíram para que nunca desistisse dos meus sonhos e objetivos. Estendo esse agradecimento e carinho aos demais familiares de perto e de longe, por acreditarem em mim, pelo apoio e incentivo de sempre.

Agradeço a minha amiga Euna Nayara, pela amizade sincera, por acreditar no meu potencial, pelas trocas compartilhadas, pela companhia no consultório e nas viagens para participar das aulas na UNISC, e por sempre ser presença de acolhida quando necessário. És um grande exemplo. Obrigada!

Agradeço a professora e orientadora, Edna Garcia, pela competência, profissionalismo, dedicação, pela oportunidade de me proporcionar aprender e crescer como pesquisadora e pela compreensão das minhas incertezas, acreditando sempre no meu potencial. À professora Silvia Areosa, pelas boas recepções em Santa Cruz do Sul-RS e por todo apoio na reta final. Sem vocês a caminhada não teria gerado tamanha transformação.

Aos professores do Programa de Pós-graduação do Mestrado Profissional em Psicologia da UNISC e aos colegas da turma do mestrado, meu muito obrigada. Ter o apoio de todos vocês, durante esse percurso, fez diferença nos momentos de alegria e angústia, pois, tornou essa caminhada mais leve e possível.

As colegas de trabalho do CMEI Raquel de Queiroz, que por vezes entenderam a minha ausência durante os períodos de aula, orientação, pesquisa e viagens, em especial à Lívia e a Francisca Rosa, que por muitas vezes assumiram meu lugar, com tanta estima e responsabilidade, fazendo com que o CMEI continuasse funcionando normalmente. Vocês me deram a oportunidade de fazer a pesquisa acontecer. Obrigada!

Agradeço aos Centros Municipais de Educação Infantil, onde foram realizadas as pesquisas-intervenções, em nome da Secretaria Municipal de Educação-SEMEC do município de Teresina-Piauí, pela recepção e possibilidade de desenvolvimento da pesquisa.

Agradeço imensamente as grandes protagonistas desta pesquisa, as professoras da educação infantil que aceitaram o convite de participar da pesquisa, relatando suas histórias de vida, pensamentos e experiências laborais. Com vocês foi possível refletir e ampliar horizontes, evidenciando o quanto as professoras da educação infantil têm um papel significativo em nossa sociedade. Obrigada pela excelente aula sobre a vida, por mostrarem que é preciso olhar para si e que a docência sempre será encantadora. Por fim, o meu profundo e sentido agradecimento a todas as pessoas que contribuíram para esta escrita, estimulando-me intelectual e emocionalmente.

*Trabalhar não é somente produzir,
é também transformar a si mesmo.*

(Christophe Dejours)

RESUMO

Ao longo dos anos, devido ao seu contexto histórico, a profissão docente, no âmbito da educação infantil enfrentou desafios na tentativa de firmar o seu valor social educativo. Assim, o presente estudo tem como objetivo geral identificar e analisar os processos de produção de saúde e adoecimento no exercício da profissão docente na educação infantil na perspectiva das professoras. E como objetivos específicos descrever o entendimento sobre os processos de produção de saúde mental vivenciados pelas professoras da educação infantil no ambiente escolar; caracterizar o sofrimento vivido a partir de elementos elencados nas narrativas das professoras e apontar o reflexo do desgaste mental dessas professoras com a ampliação dos processos de trabalho no contexto da Pandemia da Covid-19. A perspectiva metodológica que fundamenta esta pesquisa foi a exploratória de cunho qualitativo, com método de abordagem focado na análise dos sentidos a partir da perspectiva teórica-metodológica de Spink. Como proposta de intervenção foram realizados encontros de grupos focais nos meses de agosto e setembro de 2022, com a participação de 30 professoras, atualmente atuantes nos seis Centros municipais de educação infantil onde aconteceram os encontros. A narrativa das participantes da pesquisa, denotam ambivalência em relação às questões que geram prazer e desprazer no exercício da docência na educação infantil, a necessidade de reconhecimento e valorização profissional e melhores condições de trabalho. Dessa forma, evidencia-se que é necessário que haja políticas públicas voltadas para melhorias no exercício da profissão docente na educação infantil, pois saúde e educação são condições preponderantes para o desenvolvimento humano e social. A partir dos encontros dos grupos focais, apresenta-se como resultado deste estudo, o produto técnico: Trabalho docente no contexto da educação infantil e saúde mental, uma cartilha eletrônica que apresenta informações que possibilitam gerar reflexões sobre trabalho e saúde da trabalhadora docente da educação infantil.

Palavras-chave: Saúde mental, trabalho docente, prazer-sofrimento; educação infantil.

ABSTRACT

Over the years, due to its historical context, the teaching profession, within the scope of early childhood education, has faced challenges in an attempt to establish its educational social value. Thus, the present study has the general objective of identifying and analyzing the production processes of health and illness in the exercise of the teaching profession in early childhood education from the perspective of the teachers. And as specific objectives to describe the understanding about the mental health production processes experienced by early childhood education teachers in the school environment; characterize the suffering experienced based on elements listed in the teachers' narratives and point out the reflection of the mental exhaustion of these teachers with the expansion of work processes in the context of the Covid-19 Pandemic. The methodological perspective that underlies this research was exploratory with a qualitative nature, with an approach method focused on the analysis of the senses from Spink's theoretical-methodological perspective. As an intervention proposal, focus group meetings were held in August and September 2022, with the participation of 30 teachers, currently working in the six municipal Early Childhood Education Centers where the meetings took place. The narrative of the research participants, denote ambivalence in relation to the issues that generate pleasure and displeasure in the exercise of teaching in early childhood education, the need for professional recognition and appreciation and better working conditions. Thus, it is evident that there is a need for public policies aimed at improving the teaching profession in early childhood education, as health and education are preponderant conditions for human and social development. From the meetings of the focus groups, the technical product is presented as a result of this study: Teaching work in the context of early childhood education and mental health, an electronic booklet that presents information that makes it possible to generate reflections on work and health of the teaching worker in education childish.

Keywords: Mental health, teaching work, pleasure-suffering; child education.

LISTA DE ABREVIATURAS

UNISC	Universidade de santa Cruz do Sul
OMS	Organização Mundial da Saúde
CMEI	Centro Municipal de Educação Infantil
LDB	Lei de diretrizes e bases da educação
BNCC	Base Nacional Comum Curricular
CONEP	Comissão Nacional de Ética em pesquisa
SEMEC	Secretaria Municipal de Educação

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	13
2	DESCRIÇÃO DA PESQUISA-INTERVENÇÃO	17
2.1	Caminhos metodológicos.....	18
3	RESULTADO E DISCUSSÃO DOS DADOS.....	24
3.1	O trabalho e suas especificidades.....	24
3.1.1	A escolha da profissão.....	25
3.1.2	Como pensam sobre a profissão docente.....	28
3.1.3	Realidade docente.....	31
3.2	Prazer e sofrimento como indicadores de saúde mental.....	33
3.3	Educação infantil: lugar de mulher?.....	42
3.4	O trabalho durante a pandemia do covid-19.....	43
4	ARTIGO.....	49
5	DESCRIÇÃO E APRESENTAÇÃO DO PRODUTO TÉCNICO.....	51
6	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	77
	REFERÊNCIAS.....	81

1 INTRODUÇÃO

A atividade laboral é de fundamental importância na vida do sujeito, ela está ligada à condição de sobrevivência e de realização pessoal do trabalhador. Albornoz (1994) cita que o trabalho e a atividade prática material produtiva são processos através do qual o sujeito vai se elevando até atingir sua plena autoconsciência.

Ao longo dos anos, devido ao seu contexto histórico, a profissão docente no âmbito da educação infantil enfrentou vários desafios na tentativa de firmar o seu valor social educativo. Nesse contexto, os professores buscaram por reconhecimento e valorização profissional através de ações que demonstrassem a necessidade de uma educação efetiva para o desenvolvimento cognitivo, pessoal, social e cultural de todos os indivíduos.

Mendes (2012) aponta que por meio do trabalho o sujeito se identifica, se expressa e se valoriza, encontra um sentido para a vida, pois, sua função social está associada à sua saúde. No entanto, no enfrentamento das dificuldades existentes no contexto laboral do profissional docente, é preciso conhecer a realidade do professor, validar suas vivências laborais, reconhecer o que lhe proporciona prazer no exercício da sua profissão e o que lhe gera desprazer, buscando entender suas angústias e dificuldades.

O desprazer faz parte do ato de trabalhar, entendendo-o como o mal estar intrínseco à vivência em sociedade. Tal sentimento em excesso é o que produz sofrimento e adoecimento do trabalhador, comprometendo a sua saúde mental. Portanto, o desprazer não é em si mesmo patológico, pois a tensão frente à realização do trabalho, da criação, do novo é própria do ser humano.

No mundo contemporâneo, a sobrecarga de trabalho, as pressões no ambiente laboral e a falta de reconhecimento profissional acabam por gerar uma série de patologias nos profissionais, e é cada vez mais comum encontrarmos professoras da educação infantil afastadas das salas de aula devido ao estresse, cansaço, sofrimento psíquico, depressão, ansiedade, doenças otorrinolaringológicas e osteomusculares, dentre outras (TOSTES et al., 2018).

Entendendo que o sujeito transforma a sociedade, que é por ela transformado e que a partir do seu trabalho ele pode realizar-se socialmente, o trabalho torna-se de extrema relevância para os sujeitos. Dejours (2018) destaca que as situações de conflito do indivíduo com as suas experiências laborativas, como o estímulo à competição, cobranças de prazos

rigorosos, baixa remuneração e sobrecarga de trabalho, também podem levar ao risco de sofrimento psíquico.

Portanto, considerando as dificuldades vivenciadas pelos professores cotidianamente dentro e fora do ambiente escolar, as exigências impostas por parte do sistema educacional e da sociedade, e o período pandêmico podemos observar o comportamento desses profissionais e como eles se relacionam com os demais sujeitos no exercício da sua função, tendo assim, sua rotina afetada. O que gera interferências no seu bem estar e no exercício de suas atividades docentes, favorecendo o surgimento do sentimento de desprazer e contribuindo para o comprometimento da saúde mental dos mesmos.

Campo e Viegas (2021, p. 418) apontam que “são cada vez mais numerosos os estudos que revelam o sofrimento e o adoecimento de professores”, a temática tem chamado a atenção de pesquisadores de todo o mundo, pois, para entender o que acontece com esses profissionais e encontrar soluções plausíveis para o problema e assim agir sobre o mesmo, é necessário ter conhecimento, entender que o sujeito se produz, modifica sua natureza, desenvolvendo suas potencialidades e possibilidades quando tem um trabalho planejado e com objetivos (TOSTES, 2018).

O professor sente-se mais confiante e determinado quando tem sua competência reconhecida. Dessa forma, tratar da saúde mental dos professores dentro e fora do ambiente escolar é de fundamental importância para que esses profissionais exerçam sua prática docente de forma eficiente.

Estudos apontam como as vivências de desprazer geram adoecimento mental nos profissionais da educação e afetam o desenvolvimento de sua prática docente, conseqüentemente interferindo na aprendizagem dos alunos, público-alvo da ação desses profissionais, pois entende-se que o empenho do professor depende do interesse que este tem em ensinar seus alunos e pelo trabalho que ele irá desenvolver dentro do ambiente escolar (DEJOURS, 2010). Diante deste contexto, das dificuldades enfrentadas e da busca por compreender os problemas existentes na realidade vivenciada pelos professores da educação infantil, a temática desenvolvida nesta pesquisa será a docência e seus (des)prazeres no contexto da educação infantil.

Esta pesquisa está vinculada ao Mestrado Profissional em Psicologia da Universidade de Santa Cruz do Sul-UNISC, e inserida na Linha de Pesquisa I-Práticas Clínicas Contemporâneas, Políticas Públicas e Saúde Mental, a qual abarca o desenvolvimento de

pesquisas e tecnologias voltadas para a intervenção em que são implementadas políticas públicas.

Segundo Massi et al. (2018), a pesquisa-intervenção pressupõe que o pesquisador investigue com os sujeitos e não sobre eles, pois toma a relação com o outro como pressuposto fundamental do estudo. Visando investigar a diversidade qualitativa da vida cotidiana de sujeitos e grupos, e partindo do princípio, que a relação estabelecida entre o pesquisador e os participantes da pesquisa constituem condição básica para o seu desenvolvimento, entendendo que todo conhecimento produzido é compartilhado socialmente.

Macerata; Soares e Oliveira (2019) destacam que por pesquisa-intervenção entende-se que seu plano de atuação seja entre a produção de conhecimento e a transformação da realidade, ou seja, são processos de subjetivação e objetivação.

O presente estudo tem como objetivo geral identificar e analisar os processos de produção de saúde e adoecimento no exercício da profissão docente na educação infantil na perspectiva das professoras da educação infantil. E como objetivos específicos descrever o entendimento sobre os processos de produção de saúde mental vivenciados pelas professoras da educação infantil no ambiente escolar; caracterizar o sofrimento vivido a partir de elementos elencados nas narrativas das professoras e apontar o reflexo do desgaste mental dessas professoras com a ampliação dos processos de trabalho no contexto da Pandemia da Covid-19.

Penteado e Sousa (2019) afirmam que a literatura brasileira demonstra a prevalência de adoecimentos das professoras, incluindo os transtornos mentais. Para Brognoli; Pagnan e Longen (2020) os professores tendem a naturalizar o mal-estar, o sofrimento e o adoecimento, por dificuldade em perceber o processo de adoecimento ou por não aceitarem, assim, banalizando os sintomas das doenças e não relacionando os problemas de saúde às suas atividades laborais.

Considerando os objetivos da pesquisa, as vivências da pesquisadora enquanto professora da educação infantil e o exposto anteriormente, as discussões sobre a saúde mental das docentes da educação infantil são importantes para a promoção de estratégias para o cuidado da saúde desses profissionais. É um diálogo que não deve se restringir apenas a minimizar o sofrimento, mas buscar compreender as questões pessoais, sociais e laborais para que esses profissionais possam exercer sua profissão com estima e de forma saudável. Considera-se importante estabelecer estratégias para o reconhecimento e acolhimento das

angústias das trabalhadoras, para que estas possam ter qualidade de vida dentro e fora do ambiente de trabalho.

Assim, surgiram os questionamentos: como se deu a escolha da profissão? O que você idealiza da profissão? O que pensa sobre a profissão docente? O que espera/ esperava da profissão? Qual é realmente o trabalho de um docente no contexto social? Qual é o trabalho prescrito aos professores e qual trabalho realmente é realizado? Quais os prazeres da profissão docente? O que mantém as professoras criativas no ambiente escolar? Existe algo que gera desprazer no exercício da docência? Caso sim, como é descrito o desprazer no exercício da profissão? Quais os desafios enfrentados durante o período pandêmico?

Com base nestes questionamentos, tomou-se como problema de pesquisa: analisar como se dão os processos de produção de saúde, de sofrimento e adoecimento das professoras da educação infantil na perspectiva destas docentes?

Diante disso, este trabalho foi organizado a partir da composição de seis capítulos que buscam mostrar o caminho tecido pela pesquisa/intervenção. No primeiro capítulo é realizada uma introdução à temática da pesquisa. No segundo, são apresentados os caminhos metodológicos deste estudo, mostrando a trajetória da produção de dados, do início dos encontros nos grupos focais com as professoras que aceitaram participar da pesquisa, da elaboração das questões norteadoras para produção dos dados e questões referentes à ética dos encontros com os sujeitos participantes da pesquisa/intervenção. No terceiro capítulo, apresenta-se a análise dos dados através da proposta da Mary Jane Spink, organizados em quatro eixos temáticos, sendo eles: o trabalho e suas especificidades; o prazer e o sofrimento como indicadores de saúde mental; educação infantil: lugar de mulher?; e o trabalho durante a Pandemia do covid-19. No quarto, a apresentação do artigo científico que foi encaminhado para a Revista Cadernos de Psicologia Social do Trabalho, Qualis A3, no mês de abril de 2023, e que ainda aguarda para ser publicado. No quinto capítulo, faz-se a descrição e a apresentação da produção do produto técnico e o que foi necessário para a sua confecção; e, por fim, as considerações finais do estudo.

Para fundamentação deste estudo utilizou-se a contribuição significativa de Dejours (2004, 2010, 2011, 2012, 2018); Lourenço e Valente (2020); Penteado e Neto (2019); Safatle (2018, 2020), Machado, Santos e Silva (2020); Campos e Viegas (2021); dentre outros. De forma contextualizada, pretendeu-se obter uma compreensão sobre a docência e seus prazeres e desprazeres no contexto da educação infantil.

2 DESCRIÇÃO DA PESQUISA-INTERVENÇÃO

Através do trabalho o ser humano conquista seu espaço na sociedade, e passa a atuar de forma a modificá-la, em uma constante busca por melhorias que lhe favoreçam viver bem. No nosso atual contexto social, muitos são os esforços que os trabalhadores fazem na incessante busca por viver com qualidade, e quando nos referimos ao profissional docente não é diferente. Porém, mesmo buscando realizar um trabalho de qualidade, que lhe favoreça exercer seu papel na sociedade com êxito e que o possibilita viver bem, muitas são as dificuldades vivenciadas dentro e fora do ambiente escolar, por esses profissionais ao longo de sua carreira.

Tais dificuldades influenciam o processo de trabalho docente, o bem-estar e a saúde das professoras, pois, para que o sujeito possa exercer seu labor com estima, é necessário que este esteja envolvido com suas atividades, tenha prazer, sinta-se bem, reconhecido e pertencente ao trabalho que desenvolve. Assim, faz-se necessário conhecer e compreender a relação entre a atividade laboral da profissional docente e a sua saúde; bem como, analisar como a atividade laboral pode interferir nos processos de produção de saúde e adoecimento no exercício da profissão docente.

Durante muitos anos a atividade docente foi vista como vocação ou missão, mas constituiu-se como profissão através da intervenção e do enquadramento do Estado que substituiu a igreja como entidade responsável pelo ensino. Uma função que se define pelas necessidades sociais do sistema educativo mediatizada pela linguagem pedagógica (MACHADO; SANTOS E SILVA, 2020).

O trabalho docente é uma atividade humana que está em constante processo de evolução ao longo dos séculos, o que favorece para a sua reestruturação e definição. A LDB-Lei de Diretrizes e Bases da Educação-1996 em seu artigo 67, define que a oferta de “condições de trabalho adequadas” deve ser a principal responsabilidade dos sistemas de ensino para a promoção da valorização docente. No entanto, Lourenço e Valente (2020) destacam os impactos da rotina escolar na saúde docente, tais como: forte carga emocional, carga horária de trabalho exaustiva, baixa remuneração, fragilidade dos planos de cargos e salários entre outros.

A educação infantil é a primeira etapa da educação básica e segundo a LDB-Lei de Diretrizes e Base da Educação Básica, tem como objetivo educar e cuidar de bebês e crianças da creche à pré-escola, com idade correspondente de zero à cinco anos e onze meses. Cabe a

esta etapa da educação básica “a promoção do desenvolvimento integral das crianças por meio de práticas que procuram articular experiências e saberes das crianças com aquilo que faz sentido para a vida delas” (SANTOS; VIEIRA E MOREIRA, 2021, p. 202).

Na educação infantil o trabalho das professoras consiste na “efetivação de um cuidar que promova a educação, e de uma educação que não deixe de cuidar da criança, de atendê-la em suas necessidades e exigências essenciais desde a sua mais tenra idade” (ANGOTTI, 2008, p. 19). Diante disso, a docente precisa ser vista e valorizada por todos os sujeitos, a sociedade deve reconhecer a importância do seu trabalho para o desenvolvimento das crianças, o valor social, ético e político que sua atividade representa, para que a sua prática educativa seja capaz de proporcionar transformações educativas e sociais.

Reconhecendo a importância da educação para o avanço social e entendendo que as professoras têm papel fundamental como fonte de estímulos para o desenvolvimento das potencialidades de seus alunos, a saúde dessas profissionais “é considerada uma questão de saúde pública, e o adoecimento do professor um fenômeno social, que representa as manifestações contemporâneas que chegam à escola” (MACHADO; SANTOS E SILVA, 2020, p. 2).

Assim, a problemática dessa pesquisa surgiu através de observações realizadas cotidianamente pela pesquisadora no ambiente escolar e durante as reuniões de planejamento com as professoras que atuam no Centro Municipal de Educação Infantil, onde a mesma atualmente trabalha como gestora.

Portanto, buscamos respostas para entender os processos de produção de saúde e adoecimento, no exercício da profissão docente na educação infantil, nos dá a possibilidade de conhecer o cotidiano das profissionais atuantes nos nossos centros de educação infantil, entender como as atividades são realizadas e como, a partir desse conhecimento, podemos propor estratégias de cuidados no âmbito da saúde mental para as professoras.

2.1 Caminhos metodológicos

Pensando em ter um contato mais direto com o ambiente escolar e com as professoras, sujeitos da pesquisa, a escolha do campo ocorreu em função das demandas existentes nos CMEIs e do fácil acesso por parte da pesquisadora a estes espaços de trabalho.

Acolher as docentes para que elas se sintam bem no ambiente escolar faz parte de uma prática mais humanizada para com essas profissionais, pois, entendendo que muitas delas

passam horas do seu dia dentro da escola, este local precisa ser um ambiente harmônico, agradável e acolhedor.

Assim, diante do exposto objetivou-se proporcionar momentos de acolhida, reflexão e descontração para as professoras no espaço escolar, para que elas pudessem se sentirem bem para participar dos encontros dos grupos focais.

A pesquisa aconteceu de forma que, inicialmente, no primeiro encontro, as professoras foram acolhidas, e após chamadas a dialogar e refletir por meio da técnica do grupo focal, a partir de perguntas norteadoras ou disparadoras que remetessem às suas vivências no espaço de trabalho. Ao longo dos encontros seguintes, foram realizadas intervenções em forma de oficinas temáticas com os pontos mais fortes destacados no primeiro encontro, sendo eles a valorização do professor e a importância da saúde mental dos profissionais docentes.

A perspectiva metodológica que fundamenta esta pesquisa é a exploratória de cunho qualitativo, com método de abordagem focado na análise dos sentidos a partir da perspectiva teórica-metodológica de Spink, que “baseia-se no estudo do saber cotidiano, focalizando as maneiras pelas quais as pessoas produzem sentidos e posicionam-se nas relações sociais, no locus onde se produzem e se significam determinadas práticas” (SPINK, 2010, p. 5).

Para essa autora, a análise da prática discursiva e da produção de sentidos na fala dos sujeitos propõem romper com o modo tradicional de fazer ciência, além de buscar ultrapassar a dualidade sujeito-objeto. Nesta pesquisa, a abordagem foi utilizada para evidenciar a produção de sentido no discurso polissêmico sobre as vivências de prazer e desprazer vivenciadas pelas professoras da educação infantil. A produção de sentidos situa o conhecimento no interior dos processos de interação social, ou seja, da forma que as pessoas descrevem e dão conta da realidade e da vida cotidiana (SPINK; MENEGON, 2013).

Para Spink e Medrado (2013), o sentido é uma construção social, uma ação coletiva, em que as pessoas constroem os termos com base no que compreendem e como lidam com as situações e fenômenos que acontecem à sua volta, fazendo com que o ato de dar sentido a tudo o que acontece ao seu redor um indispensável processo de interpretação constante para uma vida em sociedade.

Spink (1994) ainda apresenta a proposta de analisarmos o material que temos ao nosso dispor (entrevistas, discussões de grupos, textos etc.) a partir de três técnicas, sendo elas: mapas de associação de ideias, a técnica da árvore de associação e a técnica das linhas narrativas. Diante disso foi utilizado a técnica dos mapas de associação de ideias.

Segundo a natureza dos dados, a pesquisa assume caráter qualitativo, pois “dela faz parte a obtenção de dados descritivos mediante contato direto e interativo do pesquisador com a situação objeto de estudo” (NEVES, 1996, p. 1). Nesse tipo de pesquisa, o pesquisador procura entender os fenômenos a partir da atuação dos sujeitos presentes na situação estudada, para se aprofundar nas questões e daí partir para suas interpretações, que por sua vez o levarão a reflexões e análises a respeito do seu objeto de pesquisa, além disso, permite a compreensão das percepções, representações e crenças, ou seja, “dos produtos das interpretações que os humanos fazem durante sua vida, da forma como constroem seus artefatos materiais e a si mesmos, sentem e pensam” (MINAYO, 2008, p. 57).

Podemos afirmar que seus aspectos essenciais consistem na escolha adequada dos métodos e das teorias que mais se adequam na análise de diferentes perspectivas dos objetos pesquisados e nas reflexões dos pesquisadores em busca de conhecimentos (FLICK, 2009). A pesquisa qualitativa nos possibilitou ter acesso às experiências citadas pelas educadoras no seu contexto natural, conhecendo suas particularidades, permitindo entender a questão em estudo através de reflexões importantes para a construção do conhecimento para que assim possamos responder o problema proposto.

Em relação à pesquisa exploratória, Prestes (2011, p. 29) afirma que:

A pesquisa exploratória tem como objetivos proporcionar maiores informações sobre o assunto que vai ser investigado, facilitar a delimitação do tema a ser pesquisado, orientar a fixação dos objetivos e a formulação de hipóteses ou descobrir uma nova possibilidade de enfoque para o assunto.

Ainda, de acordo com Preste (2011), por meio da pesquisa exploratória pode-se avaliar a possibilidade de desenvolvimento de um trabalho satisfatório, permitindo o estabelecimento dos critérios a serem adotados. Estes se deram através de grupos focais com as professoras atuantes nos Centros Municipais de Educação Infantil escolhidos como campos da pesquisa. Aconteceram três encontros com cada grupo focal e cada encontro teve a duração de duas horas e meia; foram realizados em um espaço reservado nos CMEIs onde as profissionais atuam, e de acordo com a autorização de cada docente, os encontros tiveram os áudios gravados.

A pesquisa é classificada como exploratória, de cunho qualitativo, e para produção de dados fez-se uso de perguntas norteadoras (anexo D) no primeiro encontro dos grupos focais, pois, conforme Gil (2010, p. 20) “o estabelecimento assistemático de relações entre os fatos no dia a dia é que fornece os indícios para a solução dos problemas propostos pela ciência.”

Abreu et al. (2009) apontam que os grupos focais permitem uma interação grupal que faz com que os participantes discutam e manifestem suas opiniões trazendo à tona dados que revelem pontos de consenso e dissenso, promovendo troca de ideias, sentimentos, experiências, a respeito de um assunto específico.

Busanello et al. (2013) destaca que a técnica de grupo focal pode proporcionar a interação entre os participantes e o pesquisador para a produção de dados, a partir de discussões focadas em tópicos norteadores, buscando desenvolver a compreensão de todos os participantes do grupo do seu próprio ponto de vista.

Para o bom desenvolvimento da pesquisa e para que a pesquisadora tivesse pleno acesso ao público que iria compor a amostra, a seleção desta se deu através da técnica por conveniência, pois esta permitiu que a mesma selecionasse “os elementos a que tem acesso, admitindo que estes possam, de alguma forma, representar o universo de sujeitos que participarão da pesquisa” (GIL, 1999, p. 94).

Tendo por base o quantitativo de professoras lotadas em cada CMEI, cinco profissionais de cada centro foram convidadas a participar da pesquisa. As professoras foram convidadas por meio de divulgação direta nos CMEIs, assim, formando um grupo em cada instituição e totalizando seis grupos focais durante toda a pesquisa. Seguindo a metodologia proposta 33 profissionais foram convidadas, sendo que, 30 aceitaram, e as demais alegaram falta de tempo para participar.

Todas as professoras participantes da pesquisa possuem pós-graduação lato sensu. 5 docentes atuam na educação infantil no período de 5 à 10 anos; 15 atuam no período de 11 à 15 anos e 10 no período de 16 à 20 anos. 06 professoras encontram-se na faixa etária de 30 à 35 anos, 10 na faixa etária de 36 à 40 e 14 na faixa etária de 41 à 50. Destas, 20 são casadas e tem filhos (as), 5 são solteiras, não tem filhos (as) e moram sozinhas; 2 tem filhos (as) e residem apenas com eles; e 3 moram com os pais e não possuem filhos. Todas afirmaram contribuir para a renda familiar, já foram afastadas por problemas de saúde em decorrência do trabalho e já tiveram Covid-19. Apenas 3 citaram quem fazem psicoterapia. Destacamos, que as professoras participantes da pesquisa, ao longo do trabalho serão nomeadas por nomes de flores, com o objetivo de manter o sigilo da identidade das mesmas.

Para a seleção e organização dos grupos focais, foram definidos os seguintes critérios de inclusão das participantes da pesquisa: ser professora da educação infantil atuante há mais de cinco anos em um dos centros municipais de educação infantil localizados na zona norte de Teresina. Os critérios de exclusão foram: estar em afastamento das suas atividades laborais por motivos médicos e estar lotada em turmas no ensino fundamental.

Para a participação na pesquisa, foram solicitadas as assinaturas do Termos de Consentimento e Livre Esclarecido, de acordo com a Resolução nº 466/12 (Brasil, 2012) do Conselho Nacional de Saúde (CNS)-em anexo. As perguntas norteadoras do grupo focal subsidiaram as discussões da pesquisa para estruturação e editoração da cartilha eletrônica, produto técnico produzido através do programa de mestrado, constituindo uma possibilidade de levar conhecimento e orientação às docentes.

Todos os encontros foram planejados tendo um dispositivo metodológico como disparador. No entanto, vale ressaltar, que de acordo com as especificidades e necessidade de cada grupo foram-se criando/acrescentando novas metodologias e recursos, como por exemplo: conversas em grupo, imagens, post-its, caixa decorada, para que as discussões de cada encontro fossem mais enriquecidas.

No primeiro encontro do grupo focal em cada CMEI, foi realizada a apresentação dos objetivos da pesquisa para as professoras, que estavam sentadas em cadeiras organizadas em círculos, favorecendo que todas conseguissem visualizar as demais participantes do grupo.

Durante esse primeiro momento, cada professora teve a oportunidade de se apresentar, posteriormente foi realizada a leitura do texto “ser professor” (autor desconhecido), que trata sobre a qualidade de vida dos docentes e dos desafios que eles enfrentam no cotidiano escolar; para que pudemos adentrar a temática, seguindo da proposta de cada docente pudesse fazer um autorretrato profissional e depois, em grupo, dialogarmos sobre as questões norteadoras e refletirmos sobre a temática proposta. As docentes mostraram-se dispostas para dialogar e em suas narrativas evidenciaram a necessidade de serem ouvidas.

As temáticas para os dois encontros seguintes foram definidas de acordo com os pontos que mais se destacaram nas falas das professoras no primeiro encontro, sendo elas: a valorização do professor e a importância da saúde mental dos profissionais docentes.

Diante disso, no segundo encontro, foi realizada a contextualização do assunto através de palavras-chaves retiradas de uma caixa pelas próprias professoras, palavras estas, que foram definidas por mais se destacam nas narrativas das professoras durante o encontro anterior e por estarem mais presentes nos artigos lidos por esta pesquisadora; provocando assim, uma reflexão sobre a temática, após, as docentes foram convidadas, para que em grupo, pudessem produzir um painel destacando os sentimentos vivenciados por elas diante da desvalorização vivida dentro e fora do cotidiano escolar e posteriormente produzir uma lista com sugestões de como a sociedade pode valorizar os professores.

Muitas professoras demonstraram indignação diante da realidade vivenciada por elas e tristeza por não conseguirem se imaginar em um contexto de mudanças, algumas se emocionaram e reconheceram o ambiente da escola como bom, que tentam se sentir acolhidas quando lá estão, porém, que não se sentem bem diante de tantas atividades a serem realizadas.

Já no terceiro encontro, as docentes foram provocadas a refletirem sobre a importância da saúde mental dos profissionais docentes através de recortes de reportagens que noticiavam casos de adoecimentos de professores, após, foram convidadas a realizar a construção de cartazes com frases e/ou imagens de estratégias e possibilidades de ações das professoras junto aos outros sujeitos escolares, comunidade e seus familiares, para mostrar a importância da sua saúde física e mental, para que elas tenham qualidade de vida para que isso reflita na prática docente.

As falas das professoras, em concordância, demonstraram o sentimento de prazer diante de situações em comuns do cotidiano escolar, bem como, evidenciaram o sofrimento das docentes perante outras situações, também em comum, entre a classe de trabalhadoras. É notório, a busca por ressignificações dos sofrimentos evidenciados para conseguir realizar suas atividades laborais com êxito e ter mais qualidade de vida no trabalho.

Os encontros com os grupos foram gravados em dispositivo eletrônico de áudio e posteriormente transcritos na íntegra, respeitando o sigilo, as opiniões e a linguagem de cada professora e logo após deletadas. É importante destacar que para dar início a esta pesquisa, foi necessário a autorização do Comitê de Ética em Pesquisa CEP/UNISC, com o número 57930122.8.0000.5343 CAAE da certificação do CEP, conforme dispõem as resoluções n. 466 de 2012 e n.510 de 2016, do Conselho Nacional de Saúde.

Neste trabalho, inicialmente, construiu-se categorias gerais temáticas que atenderam os objetivos da pesquisa, e depois, organizaram-se os conteúdos, procurando observar os processos de produção de sentidos expressos pelas participantes, e, por fim, analisar os sentidos comunicados e expressados em suas narrativas. A análise qualitativa dos dados foi realizada a partir da definição de eixos temáticos de análise, e construiu-se os mapas de associação de ideias.

Nesses mapas, os conteúdos foram organizados a partir dos seguintes eixos temáticos: processos de produção de saúde mental vivenciados pelas professoras da educação infantil no ambiente escolar; o sofrimento vivido por professoras da educação infantil e o

reflexo do desgaste mental em função da ampliação do trabalho no contexto da Pandemia da Covid-19.

A intervenção aconteceu através de oficinas e grupos focais de caráter dialógico, informativo e educativo com as docentes atuantes nos centros municipais de educação infantil no turno da tarde, nos dias de Terça e Quinta-Feira, pois são dias dos horários pedagógicos das professoras. Aconteceram três encontros com cada um dos seis grupos, com duração prevista de duas horas e meia, tendo como temática principal a importância da saúde mental dos profissionais docentes e os processos de geração de doença e bem-estar das docentes.

Através das temáticas discutidas nos grupos, foi possível acolher as professoras e realizar reflexões que as instigaram a buscar por bem-estar no ambiente escolar e por melhores condições para a promoção da saúde das mesmas. Vale ressaltar, que devido às professoras já conhecerem a pesquisadora e terem um bom vínculo estabelecido enquanto colegas de profissão, as mesmas se sentiram à vontade para se expressar, dialogar e expor seus pensamentos e sentimentos, que ocasionou momentos ricos em detalhes de suas falas.

Destacamos ainda, que o período em que ocorreu os encontros dos grupos focais, as professoras haviam retornado a pouco tempo de um movimento grevista que aconteceu durante todo o primeiro semestre do ano letivo de 2022, e que as mesmas não obtiveram êxito na busca por conquistas de melhores salários e condições de trabalho, o que fez com que as docentes se sentissem desvalorizadas e frustradas.

Como produto técnico, essa pesquisa terá a produção de uma cartilha eletrônica com orientações voltadas para os profissionais da educação, apresentando informações que possibilitem gerar reflexões sobre trabalho e contexto social, sobre a saúde do trabalhador e saúde mental dos docente, para que os professores, leitores da cartilha, reconheçam o valor de manterem-se pensantes e atentos às necessidades de autocuidado e a importância do bom ambiente laboral, para que este lhe possibilite bem estar.

Pretende-se divulgar amplamente este produto técnico através das redes sociais, com o intuito de levar conhecimento para profissionais de modo que possam traçar estratégias de promoção da saúde mental e prevenção de sofrimento e adoecimento psíquico, na busca de ter qualidade de vida no trabalho.

3 RESULTADO E DISCUSSÃO DOS DADOS

3.1 O trabalho e suas especificidades

No exercício do trabalho, as professoras necessitam estabelecer diversas relações, seja

com as crianças, com a família, com os gestores e com os demais sujeitos da comunidade escolar e corpo docente. Nos encontros dos grupos focais, a questão do trabalho docente imbricado com as diversas relações interpessoais apareceu de forma marcante, demonstrando ser, para as professoras, fonte de prazer e sofrimento no cotidiano escolar.

Diante disso, optamos por abordar essa categoria de modo que os tópicos a seguir apresentam as formas de lidar com o prazer e o sofrimento vivenciados pelas professoras. Portanto, neste capítulo que se inicia, apresentamos a relação entre o trabalho docente e essas especificidades abaixo relacionadas.

3.1.1 A escolha da profissão

O momento da escolha do curso superior é algo que está diretamente relacionado com a área de atuação profissional que cada pessoa escolheu para si, seja ela por qual motivação for. A aproximação com o curso se dá no período da graduação, onde as alunas conhecem as particularidades de cada ciência, às áreas específicas de atuação enquanto futuras profissionais e suas próprias habilidades, para depois de conquistar o diploma de curso superior cada uma escolher sua carreira profissional e desfrutar do mercado de trabalho no exercício dessa profissão.

Com o objetivo de entender como se deu a escolha da docência como profissão para as professoras participantes da pesquisa, durante o primeiro encontro dos grupos focais as docentes foram instigadas a refletirem sobre como se deu a escolha da profissão.

Margarida: “desde muito cedo, quando eu era criança, já me identificava como professora, era minha brincadeira preferida, e também, por escolher um curso de fácil acesso ao mercado de trabalho”.

Rosa: “a escolha da minha profissão se deu quando eu tinha uns 15 anos de idade, pois nessa época eu me envolvi com um trabalho com crianças da igreja. Anos depois senti a necessidade de me aprofundar na área”.

Girassol: “sempre apresentei interesse pela educação. Tenho exemplos em família, cresci amando a escola, estive uma base de bons professores, que me fizeram querer retribuir o que me foi repassado”.

Gardênia: “por que desde pequena idolatrava meus professores e sempre tive o desejo de ser professora, creio que por vocação”.

Begônia: “desde criança já pensava em ser professora, e na vida adulta escolhi essa profissão pelo simples fato de ensinar, guiar alguém para o conhecimento”.

O caminho para a escolha da formação profissional refere-se a uma tomada de decisões a qual acarreta muito comprometimento, reflexão e autoconhecimento, essencialmente quando esta escolha é do exercício da docência.

Assim, diante das respostas das professoras sobre os fatores determinantes para a escolha do magistério, os resultados mostram que o ingresso na área do magistério está ligado a diversas razões. Têm-se razões de influência desde a infância, seja por admirar algum

profissional da família ou algum professor que marcou história em sua vida, tornando-se uma inspiração para futuras profissionais da área da educação. E isso foi o que acabou determinando a escolha das professoras Margarida, Rosa, Girassol, Gardênia e Begônia.

Para Mublstedt e Hagemayer (2015) a escolha da carreira docente pode se dar em decorrência da influência familiar e de professores que serviram de referência durante a escolha da profissão, ou talvez, ainda na escola, esta aluna teve afinidade com uma certa disciplina e até mesmo o encantamento com a própria maneira de educar e experiências vividas antes do início da carreira docente.

Corroborando com este pensamento, Ferreira (2021) afirma que é comum levarem em conta no momento da escolha da docência a admiração pela profissão, guiada pelo viés familiar, assim como a sentimentalidade que atribuem à experiência como docentes. Essa admiração pelo ensino pode se dar através da identificação com aspectos positivos com algum professor no período escolar. A dimensão afetiva se reflete na vontade de atuar na docência por amor ao ensino, por querer que outras pessoas aprendam e tenham vidas transformadas pelo ensino.

Por outro lado, há quem inicie um curso de docência motivada por outras razões, como por exemplo, financeira, de subsistência, ou por ser uma profissão com uma grande chance de entrada no mercado de trabalho, por falta de oportunidade de fazer outro curso ou facilidade de ingresso em uma universidade através dos cursos de licenciatura na área da educação, a exemplo das professoras Tulipa, Azaleia, Jasmim, Magnólia, Dália, Lavanda, Orquídea e Acácia.

Tulipa: “Há alguns anos atrás era o curso que estava dentro das minhas condições financeiras”.

Azaleia: “Eu venho de família muito humilde, minha mãe, solo, era analfabeta, mas sempre nos orientou a estudar. Quando fui prestar vestibular pensei em um curso que desse para custear”.

Jasmim: “Eu não escolhi a profissão, eu fui escolhida por ela, iniciei o curso de magistério a nível médio por falta de opção, mas depois abracei a profissão, isso há mais de 20 anos”.

Magnólia: “Quando terminei o primeiro grau já sabia que iria fazer o normal médio no instituto de educação, na época dos anos 80 e início dos anos 90 era a formação inicial para moças pobres”.

Dália: “Se deu despropositadamente, de início gostaria de cursar psicologia, como não foi possível migrei para pedagogia visando a especialização em psicopedagogia para melhorar minha atuação”.

Lavanda: “Depois de vários anos de tentativas nos vestibulares sem sucesso, fiz pedagogia e consegui entrar na universidade, me interessei pelo curso”.

Orquídea: “Se deu ao terminar a 8ª série na cidade do interior onde eu morava, a única opção era estudar o curso pedagógico e anos depois comecei”.

Acácia: “Fiz o vestibular na época para normal superior sem pretensão nenhuma, passei e fui cursar, quis desistir, mas me formei. Algum tempo depois passei no concurso, foi tudo por acaso, não foi uma escolha certa, cai de paraquedas na sala de aula, acabei me acostumando e gostando”.

Dessa forma, a escolha da profissão está relacionada também com a condição de vida, novas perspectivas diante da nova profissão, como um meio mais fácil de entrar no mercado de trabalho rápido. Acerca disto, Machado (2017) afirma que:

Os dados evidenciaram que há situações em que a escolha pela carreira profissional decorreu das condições materiais de existência. Nem sempre ocorre pela identificação com a profissão docente, mas uma oportunidade que surgida, entretanto há possibilidade, de no decorrer haver identificação profissional, fazendo com que o profissional permaneça e construa sua carreira.

Conforme o autor supracitado depreende-se então, que a escolha da carreira docente pode ser motivada por alguns fatores como a identificação pessoal com a profissão, a vasta oferta de vagas no mercado de trabalho, a necessidade de melhorar a vida financeira ou então era a única opção disponível para estas estudantes e futuras docentes. Não obstante, a escolha da profissão docente, às vezes, pode não ser a primeira opção, mas a necessidade do emprego e a vivência com o trabalho acaba transformando a profissional, melhorando cada vez mais a qualidade de sua carreira, assim como Dália e Acássia narram.

Nesse sentido, Vaz Filho (2019) afirma que:

A docência faz parte, como outras profissões, de um plano de carreira profissional, tanto para a manutenção de sobrevivência da família, como também a conquista de uma vida com mais qualidade e dignidade, bem como a realização de um sonho de se tornar um profissional de relevância na sociedade, com propósitos e valores transformadores.

Já estas últimas três, sobre a motivação da escolha da profissão, narram:

Violeta: “Fui escolhida, um primo escolheu por mim e me levou a me matricular”.

Bromélia: “Minha mãe me matriculou no ensino médio no magistério no instituto de educação. Não queria no início, mas me adaptei e passei a gostar da profissão”.

Copo de Leite: “Creio que por vocação”.

A narrativa de Violeta e Bromélia produz um sentido de terceirização de sua escolha pela formação docente, não demonstrando motivação para a mesma, e sim apenas aceitando o que lhes foi proposto, já, a narrativa da professora Copo de Leite destaca a ideia de escolha vocacionada da profissão, indo ao encontro dos achados de Pontes (2017) em sua pesquisa:

[...] Assumem a docência, em alguns casos, como uma questão vocacional, seguindo um viés de “chamamento” que se assemelha a uma perspectiva presente na origem da docência como profissão, quando a docência seguia o modelo de sacerdócio. Assumida como uma prestação de serviço abnegada, que implica sacrifício e doação [...].

Entretanto, pensar na docência como meramente vocacional é prejudicial para todas as docentes, pois, este pensamento possibilita que o mérito da profissão seja deturpado pelo público, uma que vez que, àquela concepção de que a pessoa nasceu para ser professor e é professor por amor, faz com que de certa forma, a profissionalização da profissão fique em

segundo plano. A professora precisa de uma formação séria e efetiva, e deve ter como matriz a profissionalização, bem como qualquer outra profissão.

Para Alves (2006), o entendimento de docência como vocação deve ser revista:

[...] se temos que reconhecer a importância dessa chamada vocação, torna-se fundamental desmistificar a sua naturalização: vocação não é um dom inato, mas uma capacidade de realizar bem o trabalho, de superar as dificuldades e lutar pela qualidade da educação. Então, é uma característica profissional aprendida e desenvolvida com muito esforço e estudo.

Diante da pluralidade das respostas pode-se deduzir então que o trabalho docente possui sentidos diferentes entre as professoras. Há a questão da subsistência, onde o exercício da profissão parece ter apenas o sentido de venda da força de trabalho para se obter a remuneração e assim suprir necessidades básicas, dentre as quais, alimentos, saúde, moradia, vestuário. Além disso, usufruir da produção cultural disponível em nossa sociedade, a exemplo do estudo e as diversas formas de lazer, normalmente serviços pagos e caros (PEREIRA, 2010).

Diante disso, nem sempre o salário que a professora recebe é suficiente para prover adequadamente a maioria das suas necessidades, levando-as a assumirem jornadas duplas ou triplas de trabalho. Entretanto, há o outro lado da moeda, em que se tem profissionais movidas pela identificação e prazer no exercício da docência.

3.1.2 Como pensam sobre a profissão docente

Diante da complexidade que envolve o trabalho docente em turmas de educação infantil, as professoras narraram sobre o que pensam acerca da temática do ser docente. As professoras Flor de Lis, Girassol e Dália apontaram a docência como uma profissão desafiadora.

Flor de Lis: “Uma profissão desafiadora em vários sentidos, seja em relação a recursos, seja nas relações humanas”.

Girassol: “Bem desafiadora e cheia de obstáculos. Eu considero de extrema importância, principalmente para os que atuam na base da formação do indivíduo. Teríamos um país e uma sociedade melhor se a educação fosse valorizada”.

Dália: “Uma profissão muito bonita e desafiadora. A cada ano, com cada turma é um desafio diferente, é uma profissão muito desvalorizada tanto no contexto social como econômico”.

Candau (2016) elenca alguns dos desafios enfrentados cotidianamente pela classe docente, que são eles: uma escola centrada na homogeneização a uma educação escolar orientada à diferenciação; de uma escola centrada na transmissão-assimilação de conhecimentos consolidados a uma escola consciente da pluralidade de saberes, enfoques e fontes de informação orientada ao desenvolvimento da “curiosidade epistemológica”; de um

currículo compartimentado a um currículo que promove pontes, interrelações entre diferentes componentes, atividades conjuntas, projetos etc. e de uma concepção de docência fundamentalmente como exercício individual para uma perspectiva compartilhada.

Assim, para este autor à docência faz parte do processo de reinventar a escola, o que supõe desconstruir o formato dominante e construir uma outra maneira de concebê-la, em que o reconhecimento das diferenças como vantagem pedagógica, a curiosidade epistemológica, a criatividade, a interdisciplinaridade, o exercício da cidadania e a construção coletiva sejam componentes fundamentais para o crescimento da sociedade.

Percebeu-se, que para estas professoras, a valorização delas como profissionais, também é um desafio na carreira docente, e este ponto foi primariamente citado entre outras professoras.

A professora Jasmim diz: “é a base, alicerce para outras profissões, necessita urgentemente ser reconhecida como tal”; já a professora Lavanda afirma: “a profissão docente está cada dia desvalorizada pelos pais, alunos e sociedade, nos esforçamos, somos cobradas, trabalhamos muito e não somos reconhecidas”.

É fácil reconhecer que essas situações geram, no professor, um desgaste físico e psíquico, bem como um sentimento de desvalorização profissional, tristeza, frustração e até mesmo a sensação de impotência diante de um quadro de comprometimento das condições de trabalho e da desvalorização social da docência nesse contexto. É o que também afirma Moreira (2021), ao citar como desafio da profissão docente a desvalorização econômica e social do professor.

Santos (2015) afirma que uma das formas de desvalorização desse profissional docente é a econômica, que se refere aos baixos salários praticados pelo mercado de trabalho, fazendo com que o professor passe a procurar outros locais de trabalho, tendo assim, jornadas cansativas de trabalho para conseguir completar sua renda. Além disso, os baixos salários impedem uma formação contínua do professor, pelo fato da exaustão, gerando desqualificação e estagnação na carreira.

Já estas professoras levantaram outras questões, como por exemplo, o aperfeiçoamento e a formação continuada do professor, já que o conhecimento necessita ser sempre renovado e melhorado.

Magnólia: “Penso que um educador deve estar em constante processo de evolução, adaptação no seu processo de ensino”.

Bromélia: “Desde muito cedo eu entendi que a maior riqueza do homem é o conhecimento”.

Orquídea: “Uma das belas profissões. Uma profissão que mobiliza saberes contribuindo para a construção e reconstrução de reconhecimento”.

Para Teodora Ens et al. (2019) há uma qualidade educativa visando profissionais com boa formação, uma ferramenta essencial na preparação de professores para atuarem conscientemente, com conhecimentos e instrumentos necessários, a fim de terem ideias e práticas educativas produtivas.

Para Pereira (2010, p. 48) “o trabalho docente pode significar também, para o professor, uma forma de ter reconhecimento e valorização social a partir da função que desempenha”.

Assim, essa falta de reconhecimento profissional, verificada aqui, constitui-se um grave problema, na medida em que, boa parte das professoras pesquisadas se referem a tal percepção, o que nos leva a questionar qual o lugar do trabalho e da trabalhadora docente na atualidade, em relação à realidade da educação brasileira.

Esse posicionamento acerca da desvalorização do trabalho docente não se resume à visão de um segmento da sociedade, mas sim de boa parte dos sujeitos que a compõem, de um modo geral. Então se a professora está em busca de reconhecimento e valorização social, este poderia ser mais um elemento de frustração, ao invés de fortalecimento da autoestima.

O exercício da docência é realizado com base nas experiências proporcionadas pela ação do ensino, pautada na realidade da instituição educativa concreta e seus determinantes. Ele relaciona-se com seu caráter de heterogeneidade, e, desse modo, a formação pedagógica da professora da educação básica é vista como parte de uma política institucional fundamental para o desenvolvimento da docente (VEIGA, 2014).

Além do descontentamento com a desvalorização docente, o prazer e o sofrimento também foram narrados entre as professoras. Para elas, a profissão docente é desgastante e estressante quando elas precisam assumir muitas atividades, lidar com prazos, cobranças, violência nas escolas, com a não participação de algumas famílias e a desvalorização profissional, mas também muito gratificante quando são alcançados resultados positivos como por exemplo o desenvolvimento da aprendizagem de um aluno; elas destacam também, que é necessária muita paciência, dedicação e amor, pois a educação tem poder transformador.

O trabalho docente contribui para a formação de outras pessoas, principalmente, das crianças, cujos cuidados e atenção estão sob responsabilidade das professoras, quando os menores estão dentro do ambiente escolar, assim, muitas reconhecem que desempenham um papel importante, e nesse sentido, avaliam o seu trabalho como “cheio de amor, “transformador”, “uma profissão bonita”, ainda que socialmente esse trabalho não tenha tal reconhecimento.

Porém, também avaliam este trabalho como “cansativo”, “árido” e “sofrido”. E isto pode ser explicado, já que tanto as demandas externas, quanto as internas, quando não atendidas satisfatoriamente pela trabalhadora, se constituem fontes geradoras de estresse e representam um risco à saúde mental e física destas professoras.

Lima (2013) cita que para a psicodinâmica do trabalho o “reconhecimento é a forma da retribuição simbólica advinda da contribuição dada pelo sujeito, pelo engajamento de sua subjetividade e inteligência no trabalho”, quando se sente reconhecido, o trabalhador se sente aceito, admirado e tem liberdade para expressar sua individualidade dentro das situações de trabalho podendo de fato usufruir do trabalho como espaço para se constituir e se expressar, não só produzindo para sua sobrevivência.

Essa retribuição simbólica não é gratuita, partindo do princípio de que passam por julgamentos da gestão do coletivo e por seus pares; e se apresenta em duas dimensões: o reconhecimento como constatação da contribuição individual à organização do trabalho e o reconhecimento como gratidão pela contribuição dos trabalhadores ao ambiente de trabalho.

Os julgamentos do reconhecimento, por sua vez, segundo Dejours (2012) podem ser de utilidade econômica, social e técnica realizados em ordem hierárquica e que propicia ao trabalhador sua afirmação no âmbito do trabalho. Já os julgamentos de beleza são proferidos pelos pares, ele não recai apenas sobre a utilidade, mas sobre a beleza do trabalho realizado por um trabalhador, possibilitando ao sujeito o sentimento de pertencimento a um grupo profissional.

Nesse contexto, o reconhecimento reflete positivamente na construção da identidade de grupo dos trabalhadores, atribuindo significado e sentido à atividade laboral, possibilitando que uma parte do sofrimento seja transformada em prazer. Portanto, se faz necessário, que a sociedade reconheça e valorize as profissionais docentes, para que estas sejam agraciadas com o sentimento de prazer, como uma forma de proporcionar saúde mental a essas profissionais.

3.1.3 Realidade docente

Durante os encontros dos grupos focais, as professoras participantes da pesquisa, refletiram e tiveram a oportunidade de falar sobre o exercício da atividade docente na prática cotidiana:

Orquídea: “Acho que o trabalho deve ser o de promover o acesso do aluno a todo conhecimento necessário e que o aluno possa internalizar esse conhecimento e a partir daí criar suas próprias opiniões, decisões e aprendizados”.

Rosa: “O trabalho docente é repassar conteúdos que ajudem na formação profissional, bem como ele tem um papel de ajudar esse indivíduo a ser crítico e

reflexivo em seu dia a dia, optando por escolhas saudáveis para si e para o próximo”.

Tulipa: “No contexto social o docente tem o trabalho de partilhar conhecimento com os discentes no intuito de que a partir disso haja a formação integral de cidadãos”.

Margarida: “Organizar e orientar atividades de aprendizagem o mais próximo da realidade do aluno, tornando assim a aprendizagem significativa”.

Girassol: “Inserir a criança dentro de um contexto que ele sinta- se parte, agente de suas próprias ações”.

É unânime entre as docentes o valor do papel social que o professor-educador desempenha na vida dos seus alunos, e que vai além da questão do ensinar conteúdo dentro da sala de aula. Pois, segundo elas, o professor é quem orienta, quem constrói um sentido, sendo então um organizador da aprendizagem e orientador de um pensamento crítico.

Entendemos assim, que o papel do professor se sobrepõe ao trabalho inicial, em que era apenas o de cuidar e/ou uma transmissão de conhecimento. Cabe à atuação do docente como profissional, não somente o exercício de entrar em sala e ministrar uma aula, como visto, esta é uma profissão que ultrapassa barreiras e que possibilita aos profissionais o sentimento de realização, indo além do simples fato de entrar na instituição para dar aula (VAZ FILHO, 2019).

Para Soares (2021), a Lei de Diretrizes e Bases da Educação (Nº 9.394/1996), define as competências do trabalho do professor como sendo elaboração de planejamento de aulas, prezar pelo real aprendizado do aluno, criar meios de ensino que alcancem os alunos que necessitam de uma atenção pedagógica maior e manter a comunidade escolar e familiar sempre informadas para uma melhor integração e comunicação.

As narrativas das professoras mostram que o exercício da docência atravessa as fronteiras da sala de aula e que ser professor vai além de ensinar.

Dália: “Temos muita responsabilidade, pois somos exemplos e levamos conhecimento, sendo formadores de opiniões entre nossos alunos e seus familiares”.

Lavanda: “O professor é agente de transformação e deve agir em parceria com famílias e sociedade. O seu papel é de incentivar, direcionar e fazer com que seus alunos possam desenvolver-se”.

Flor do deserto: “Nosso trabalho vai muito além do ensinar, temos que atuar como psicóloga, mãe, psicopedagoga, etc. Porque a cada dia as crianças não têm o suporte familiar e os professores tentam amenizar para ajudar no desenvolvimento dos alunos”.

Lavanda: “O trabalho docente vai além da sala de aula. Somos espelhos para as crianças, referências e podemos mudar a forma como elas veem o mundo”.

Azaleia: “É ajudar na educação de futuros cidadãos, pois a educação se dá em parceria com a sociedade”.

Para elas, significa também contagiar vidas e proporcionar para esses educandos um bem viver, recheando o universo deles de referências. Por outro lado, de acordo com Zamoner et al. (2021), quando há o confronto com a realidade, isso força as professoras a questionar a

visão idealista que possuem sobre a profissão docente. E quando estas se distanciam dos conhecimentos acadêmicos e mergulham no exercício da profissão, passam a reajustar suas expectativas e percepções anteriores, como cita a professora Copo de Leite: “Ser professora, é bem difícil, levando em consideração a falta de respeito, por outro lado, mesmo diante dos desafios, a professora precisa ser uma mediadora da aprendizagem de forma criativa, precisa ter um olhar humano para educar”.

3.2 Prazer e sofrimento como indicadores de saúde mental

O trabalho ocupa uma importante posição na vida da maioria dos indivíduos, é essencial para que o mesmo supra suas necessidades de autorrealização, sobrevivência e construa sua identidade. Duarte et al. (2020) citam que o trabalho é um meio pelo qual os sujeitos se relacionam com o meio externo, sendo de grande importância para a análise do ser humano e de sua relação com o mundo material e psíquico na busca do equilíbrio entre o prazer e o sofrimento.

Segundo Dejours (2018), a relação do trabalhador com a organização do trabalho pode ser fonte de sofrimento e prazer, pois, o labor nunca é neutro com relação à dinâmica da saúde. A mesma atividade laboral, que proporciona uma identidade e representação social para o indivíduo, pode também ser fonte de adoecimento mental.

Assim, o trabalho pode apontar as fragilidades emocionais que atravessam as subjetividades das trabalhadoras no seu cotidiano, partindo do princípio de que “há um processo de atribuição de sentido, baseado na relação de trabalhador com sua realidade laboral, sendo expresso nas formas de pensar, sentir e agir dos indivíduos” (FISCHER E PEREZ, 2019, p. 140).

Segundo a Teoria da Psicodinâmica do Trabalho, o trabalho é o envolvimento do corpo e da mente do sujeito, da criação, do intelecto e dos afetos envolvidos para responder a uma realidade que demanda algo específico do sujeito (DEJOURS, 2004). Conforme esta teoria, o ato de trabalhar requer conhecimentos e habilidades para atender demandas focais, atingir metas, seguir procedimentos e manuais. A trabalhadora precisa estar preparada para enfrentar as situações do cotidiano que possam surgir e resolvê-las de forma condizente com o que é requerido no contexto existente.

Machado; Santos e Silva (2020) em seus estudos destacam que o trabalho proporciona prazer ao sujeito quando existe motivação através do reconhecimento, do respeito, da realização, das boas condições de trabalho, da responsabilidade e da possibilidade de progressão dentro do ambiente de trabalho. As vivências de prazer são manifestadas através do bem que o trabalho proporciona ao corpo, a mente e das relações sociais com os demais profissionais do mesmo ambiente de trabalho, constituindo indicadores de saúde para o sujeito por possibilitarem identidade e subjetividade no trabalho, e estrutura psíquica ao mesmo.

Em contrapartida o sofrimento advém do esgotamento emocional devido à desvalorização, à falta de reconhecimento, às injustiças, às frustrações e insegurança, que acabam gerando no trabalhador o sentimento de inutilidade, insatisfação, desvalorização, ansiedade, cansaço e as muitas doenças físicas e mentais.

Uma causa bastante recorrente que gera sofrimento às professoras é a grande diferença entre o trabalho prescrito e o trabalho real, pois muitas outras atividades são atribuídas as mesmas, fazendo que essas profissionais fiquem sobrecarregadas de trabalho para executar, sejam mais cobradas e por muitas vezes não executam o prescrito como deve ser, chegando a afetar suas emoções e gerando um embotamento de sua criatividade.

Muitas escolas têm em sua organização uma dinâmica que permite que as professoras possam conciliar o trabalho prescrito e o trabalho real de forma mais flexível, partindo do princípio de que é necessário existir uma coesão entre essas atividades e que esse profissional tenha condições de atender a todas as demandas do cotidiano escolar de forma que não o sobrecarregue físico e emocionalmente.

Para alguns indivíduos, o trabalho é fonte de alegrias, satisfação ou refúgio de problemas da vida pessoal. Existem os que se voltam para as atividades laborais, pois o ambiente de trabalho é agradável, têm bons vínculos afetivos com os colegas de profissão, têm a oportunidade de manterem-se ativo e contribuírem para a realização de determinadas atividades. Tais atitudes contribuem para o bem-estar do sujeito, afetando positivamente a sua saúde mental.

No entanto, para muitos, o trabalho pode ser fonte de sofrimento e adoecimento, isso é reflexo de como o sujeito passa a enxergar o trabalho o qual se dedica diante das questões conflituosas vivenciadas no cotidiano. Dejours (2012, p. 364) aponta que “o sofrimento no trabalho começa quando, apesar de seu zelo, o trabalhador não consegue dar conta da tarefa”.

Nesta contradição, as docentes mostram o seu desejo e prazer em exercer suas atividades laborais, ao mesmo tempo que evidenciam suas insatisfações e desconfortos. As contradições de trabalho provocam situações subjetivas nas relações estabelecidas dentro do ambiente escolar (SILVA, 2019).

Pesquisas apontam que muitos profissionais buscam estratégias para melhor lidar com as adversidades do cotidiano no ambiente de trabalho, essas estratégias podem ser defensivas ou de mobilização. As estratégias defensivas podem ser individuais ou coletivas. Dejours (2006) aponta que as estratégias individuais são caracterizadas pelos mecanismos de defesas interiorizados que operam mesmo sem a presença do outro. As estratégias de defesas coletivas surgem da ação conjunta dos trabalhadores e contribuem para o enfrentamento do sofrimento coletivo causado nas atividades laborais.

O uso de estratégias de mobilização favorece ao profissional docente a possibilidade de lidar melhor com as experiências vividas dentro e fora do ambiente escolar. Soares e Abraão (2017, p. 20), evidenciam em seus estudos que “na medida em que os professores desenvolvem estratégias para suas atividades no trabalho, eles buscam formas para transformar o sofrimento, canalizando-o para uma vivência de prazer”. As vivências de prazer fazem com que os trabalhadores se sintam bem no seu ambiente laboral e isso reflete o exercício de suas atividades.

As estratégias defensivas podem gerar adoecimento e as de mobilização fazem com que o trabalhador desenvolva a criatividade, transforme o fazer no trabalho e proporcione prazer (SOARES; ABRAÃO, 2015).

França e Mota (2021), destacam que qualquer intervenção, que vise a melhoria do indivíduo com sofrimento psíquico no contexto do trabalho, é direcionada a organização laboral, onde os indivíduos estão inseridos, pois, o trabalhador nunca será considerado como um indivíduo isolado, tendo em vista, que ele é um sujeito ativo nas relações com outros trabalhadores em sofrimento.

Pois, entendendo que “o sofrimento pode ser ressignificado e transformado em prazer” (FISCHER; PEREZ, 2019, p. 141) e que o professor é um profissional fundamental para o desenvolvimento educacional e social de todos os indivíduos, devemos chamar a atenção dos nossos gestores políticos e educacionais para as atuais condições de trabalho e reconhecimento dessas profissionais, para que estas possam ter melhores condições de vida e saúde ao exercerem sua efetiva função laboral.

Diante do exposto, nos encontros dos grupos focais realizados durante a pesquisa, foram lançadas algumas perguntas norteadoras com o objetivo de gerar um diálogo com as docentes participantes sobre o que idealizavam/ esperavam da profissão, sobre as situações que geram prazer e desprazer no exercício da docência e sobre o trabalho prescrito e o trabalho realizado.

Inicialmente, buscando conhecer como as professoras entendem e atribuem sentido ao trabalho prescrito e ao trabalho realizado, de forma bem espontânea foi questionado sobre o que é cada um e como ambos acontecem no cotidiano escolar.

A professora Azaleia iniciou apontando, que de acordo com a LDB, o professor deve ministrar aulas conforme a carga horária estabelecida, bem como planejar e avaliar, “mas na realidade o nosso trabalho aqui vai além disso, pois precisamos ter cuidado e atenção com os alunos, temos custos extras para incrementar as aulas e torná-las mais atrativas”.

Para a professora Flor de Lis o trabalho prescrito é ministrar aulas, 200 dias letivos, planejar, avaliar, se atualizar, colaborar com a escola e com a comunidade e o trabalho realizado é ser professor, enfermeiro, psicólogo, etc.

Girassol destaca “o nosso trabalho é planejar, elaborar e executar aulas, avaliar os alunos durante o processo, preencher fichas, produzir instrumentos avaliativos e materiais pedagógicos, mas sempre fazemos muito além, fazemos de tudo, e isso não é visto, ficamos cansadas e não somos reconhecidas por isso, pelo contrário somos mais cobradas, como se essas outras atividades que fazemos além fossem nossa obrigação”.

Em sua fala a professora Violeta acrescenta “aprendi que é elaborar o planejamento da aula, zelar pela aprendizagem dos meus alunos, criar estratégias para os que têm dificuldades, ministrar os 200 dias letivos seguindo o calendário da escola e manter parceria entre a escola e a família.

Já Tulipa cita “o trabalho do professor é exatamente o que está na LDB, mas sempre fazemos algo além e desempenhamos outros trabalhos dentro do contexto social juntamente com as famílias”.

Corroborando com Tulipa, Rosa destaca em sua fala “quando analisamos o trabalho docente na prática percebemos que o papel do professor vai muito além das fronteiras da escola, pois o processo de ensino aprendizagem é construído com sujeitos sociais, necessidades

afetivas, econômicas e familiares e o professor precisa ter empatia e resiliência necessária para lidar com esse público tão diverso”.

O depoimento das docentes destaca que o trabalho do professor é complexo, que necessita de habilidades diferentes, ações e saberes multidimensionais, que por diversas vezes acaba gerando o acúmulo de tarefas profissionais. Evidenciando isso, Veiga (2012, p. 13) afirma que “no sentido formal, a docência é o trabalho dos professores; na realidade, estes desempenham um conjunto de funções que ultrapassam a tarefa de ministrar aulas”.

Evidencia-se ainda, que as atividades que envolvem o trabalho realizado vão muito além do trabalho prescrito e que por muitas vezes geram sofrimento as profissionais através do desprazer de lidar com as situações de desvalorização, sobrecarga de trabalho, desgaste físico e emocional e até mesmo do sentimento de desprofissionalização.

Sobre os prazeres e os desprazeres no exercício da profissão docente, existe em comum, entre as profissionais participantes da pesquisa, uma narrativa evidenciando que todas atribuem o mesmo sentido às experiências vivenciadas no cotidiano docente. Neste sentido, buscou-se, com base na Psicodinâmica do Trabalho, entender como as professoras lidam com as vivências de sofrimento e prazer no dia a dia e que recursos elas usam para administrar as situações que ocorrem no trabalho.

Rosa diz: “o melhor é perceber quando os alunos demonstram que aprenderam o conteúdo e a família reconhece a importância da escola”. Violeta: “o meu maior prazer é ver o resultado daquilo que é ensinado, é ser respeitada pela família e pela gestão da escola, é ver a minha profissão ser vista como importante e ser valorizada”

Gardênia fala: “É poder contribuir para o desenvolvimento das crianças e ser vista como profissional e não apenas como uma simples cuidadora, não desmerecendo as cuidadoras, é claro”.

Já para Girassol: “O maior prazer é ver o sorriso e a alegria quando uma criança aprende, é ver a alegria dela em demonstrar o que já sabe”.

Jasmim contribui: “eu adoro o afeto recebido, ver meus alunos se desenvolverem, poder contribuir socialmente para o desenvolvimento deles e até mesmo das famílias, e conseguir alcançar objetivos pessoais”.

A professora Magnólia emociona-se ao falar que sua maior satisfação é alfabetizar as crianças e poder reencontrá-las anos depois como pessoas prósperas, cidadãs, relata também

que ouvir o reconhecimento dos pais pelo trabalho realizado é muito importante, “eu tenho a sensação de estar no caminho certo, fazendo o que eu posso de melhor”, destaca.

Nota-se que as vivências de prazer das professoras pesquisadas estão relacionadas com o objetivo de fazer os alunos alcançarem todas as metas propostas no processo de ensino aprendido, gerando nelas um grande sentimento de satisfação e motivação para continuarem fazendo um bom trabalho.

Percebe-se também que o reconhecimento e a valorização é outro importante aspecto para o prazer e a satisfação no exercício da profissão docente. Evidenciando isso, Dejourns (2008) aponta que as vivências de prazer se manifestam por meio da gratificação, da realização, do reconhecimento e da valorização do trabalho. Assim, quanto maior for a satisfação pelo trabalho realizado, menos frequentes serão as vivências de prejuízo emocional no trabalho (FRANÇA; MOTA, 2021).

A professora Orquídea aponta, que embora o reconhecimento e a valorização da famílias e dos gestores escolares sejam importantes, o que os professores de fato precisam é de bons salários: “Eu concordo com as colegas, mas eu acho que nós precisamos esquecer essa história de trabalhar por amor, nós não trabalhamos por amor, trabalhamos por que precisamos nos manter, manter nossas famílias, nós precisamos ser reconhecidas com salários melhores, com melhores condições de trabalho, pois só assim a gente vai poder ter tempo para estudar, conseqüentemente ter uma melhor prática em sala de aula, mais satisfação e qualidade de vida”.

Os desprazeres vivenciados por todas as docentes são citados de forma igualitária, como dito anteriormente. Todas citam que a maior fonte de desprazer é a desvalorização, os baixos salários, a sobrecarga de trabalho, a falta de respeito por parte dos alunos, das famílias e dos governantes, e a falta de estrutura dos prédios escolares e de materiais pedagógicos e as dificuldades de aprendizagem dos alunos negligenciadas pelas famílias.

As narrativas das professoras deixaram clara a pouca incidência de reconhecimento e valorização das docentes, no exercício da sua profissão, contribuindo assim, para a exposição das mesmas às vivências de desprazer, tendo em vista que uma grande fonte de prazer tem sido negligenciada as mesmas.

Lourenço e Valente (2020, p. 10) discorrem que: “As diversas situações do trabalho docente impõem ao sujeito a necessidade do desenvolvimento de defesas psíquicas,

estratégias de defesa na luta constante entre as adversidades do cotidiano e a luta contra o sofrimento psíquico”. Nesse contexto, muitos profissionais passam a fazer uso de estratégias defensivas na tentativa de evitar o adoecimento e buscando formas de manter sua saúde mental. Pois quando as situações geradoras de sofrimento se agravam, podem abrir espaços para patologias (Dejours, 2018).

No decorrer do diálogo com as docentes, evidenciou-se o que cada profissional idealiza da profissão, e suas expectativas e frustrações. É notório, o quanto a atribuição de sentido à profissão, como desvalorizada e desgastante é apontada por todas as professoras. Porém, nota-se o quanto o uso das estratégias defensivas, utilizadas com o objetivo de mascarar a realidade do trabalho, para que seja tolerável e não adoça o sujeito trabalhador, faz com que elas permaneçam idealizando o reconhecimento da profissão, seja ele social ou financeiro.

Diante disso, a professora Margarida diz: “Espero contribuir para a formação de cidadãos através dessa profissão. Formar pessoas que contribuam ativamente para a sociedade”.

A professora Lavanda cita: “Espero poder contribuir para o desenvolvimento das crianças que passam na minha sala todos os anos; espero, por quem sabe um dia, que a nossa profissão seja bastante valorizada; assim, como espero que a família reconheça sua responsabilidade na educação das crianças e faça sua parte, ao invés de apenas nos cobrar”.

A professora Flor de Lis diz: “Eu espero ser mais valorizada pelos governantes, pais e alunos, além de ser bem remunerada, para que eu possa ter qualidade de vida, me cuidar e estudar para ser uma profissional melhor”.

Dália, concorda: “Ter mais valorização social, pois hoje o professor não tem o respeito e a admiração por exercer um papel fundamental na sociedade que é a de instruir e educar as novas gerações para o futuro”.

Jasmim contribui: “Eu também espero que passe a ser uma profissão valorizada, não somente em termos financeiros, mas também pelas autoridades como um todo”.

Rosa aponta que espera mais: “Compromisso e amor ao próximo em transmitir conhecimentos para os alunos, que seja uma aprendizagem significativa independente das classes sociais”.

Gardênia relata: “Espero mais incentivo para a questão da saúde mental das crianças como para todo corpo docente, pois é fácil de perceber o quanto as professoras e até as próprias crianças precisam de mais saúde mental”.

Magnólia complementa: “Eu luto por uma educação infantil dinâmica, onde as crianças possam adquirir todas as habilidades sem que o professor possa sacrificar-se, e eu espero um dia poder exercer a minha profissão sem ter que sofrer tanto assim”.

Observa-se que existe o desejo em comum entre as professoras que a profissão seja valorizada, respeitada, bem remunerada, que proporcione as mesmas oportunidades de se sentirem bem no exercício da profissão e terem qualidade de vida. É importante destacar a fala da professora Gardênia sobre perceber o quanto as professoras e as crianças precisam ter saúde mental, pois a saúde e a educação são condições preponderantes para o desenvolvimento humano e social (OLIVEIRA; SANTOS, 2021).

Tulipa cita: “Durante os anos que estive na universidade, sem práticas, pensava que seria tudo perfeito e fácil, mas ao adentrar uma sala de aula vi que é difícil e muito diferente da teoria. Mas com o tempo aprendi a me encontrar e resolver as dificuldades encontradas e hoje consigo algumas”.

No discurso da participante, é possível compreender, sua tentativa de elaboração subjetiva do mal-estar vivido no exercício da sua profissão, através do seu entendimento e modo de agir para lidar com a situação fonte do mesmo e gerador de sofrimento no seu labor. É no cotidiano das escolas que os professores operam estratégias de criação e resistência [...] no qual se articulam redes de conhecimentos e significação, de produção de sentidos para a manutenção nesta atividade profissional (FERRAÇO; SOARES E ALVES, 2018).

Já, a professora Acácia relata em sua fala: “Hoje em dia eu não espero mais nada, confesso que sou incrédula por mudanças significativas, eu esperava o mínimo de valorização, em relação a salários dignos e que tivéssemos tempo para nos capacitar, mas até para estudos somos barradas por tanta burocracia e por tantas horas de trabalho”.

A professora demonstra sua frustração por não acreditar em possíveis mudanças para a classe trabalhista, em melhorias salariais, em oportunidades de formações continuadas e pela extensa carga horária de trabalho. Este sofrimento advindo das experiências vividas no cotidiano pode favorecer o seu adoecimento. Lourenço e Valente (2020) apontam que as diversas situações do trabalho docente impõem ao sujeito a necessidade do desenvolvimento

de defesas psíquicas [...] na luta constante entre as adversidades do cotidiano. Mostra-se o quanto essa profissional precisa ser vista e cuidada para evitar o sofrimento psíquico.

No tocante ao que as docentes idealizam da profissão, elas relatam idealizar reconhecimento, melhores condições de trabalho, materiais pedagógicos de qualidade, salários dignos, valorização por parte do poder público e da sociedade, união entre os trabalhadores do ambiente escolar, salas de aulas com tecnologia, professoras auxiliares nas turmas, para ajudar durante as aulas, e formações continuadas oferecidas pelo município.

Sobre isso a professora Azaleia acrescenta: “Gostaria que tivéssemos todo suporte necessário para enfrentarmos os desafios que permeiam o processo de ensino aprendizagem”.

Bromélia narra: “É uma profissão muito difícil, temos que ser persistentes, aceitar os desafios que aparecem, procurar resolver da melhor forma, mas mesmo assim eu idealizo continuar sendo uma boa professora, me cuidar para poder oferecer o que tenho de melhor para os meus alunos e quem saber ser mais valorizada nos próximos governos”.

Orquídea diz: “Mesmo com todas as dificuldades e sentimento de impotência, diante de algumas situações que eu não posso resolver, e que às vezes me desmotiva, eu desejo me tornar uma profissional reconhecida pelo meu trabalho, quero continuar contribuindo para o aprendizado das crianças”.

Tulipa relata: “Idealizo que a educação seja vista e trabalhada de forma mais compromissada por todos os envolvidos, para que aconteça a nossa valorização, as melhorias para a profissão e nas instituições de ensino, trabalhar sem ser reconhecida é adoecedor”.

Os depoimentos em destaque, evidenciam um panorama da realidade vivida pelas professoras, durante o exercício da sua profissão, onde deparam-se com diversos problemas que impactam na prática das mesmas e na aprendizagem dos alunos, além de gerar consequências para sua saúde, devido ao sentimento de impotência por não terem o poder de mudar o atual contexto, como narra Orquídea.

Diante das diversas fontes de sofrimento no exercício da profissão docente, evidencia-se a necessidade de atenção, apoio e estratégias de promoção da saúde dessas profissionais, para que elas possam continuar exercendo a profissão de uma forma mais saudável, sendo reconhecidas e recompensadas por isso, para que as vivências que geram desprazer não se sobreponham e sejam capazes afetar a prática pedagógica das professoras.

3.3 Educação infantil: lugar de mulher?

Após a Lei de diretrizes e Bases da Educação-LDB e a Base Nacional Comum Curricular-BNCC, muitos avanços aconteceram na educação infantil, e as professoras passaram a ter um papel cada vez mais importante, exercendo além da função de cuidar, a função de promover espaços de aprendizagem. No entanto, “a profissão docente historicamente desempenhada por mulheres até hoje sofre com a desvalorização econômica e social” (CAMPOS; VIEGAS, 2021, p. 423).

O trabalho feminino ainda é muito presente no primeiro nível da educação básica. Fischer e Perez (2019) destacam que o trabalho feminino foi solicitado como uma forma de redução de custos, sendo percebido como menos qualificado do que o trabalho masculino.

De acordo com Souza e Melo (2018), a ideia de que a mulher tem habilidades inatas para ser cuidadora e professora, denota uma confusão entre a sua profissão e o ato de cuidar. Em sua narrativa a professora Girassol destaca “Eu gosto e cuido dos meus alunos, sinto que é o meu dever, eles só irão aprender se estiverem bem”.

Isso ocorre devido ao fato de que as mulheres por muito tempo tiveram suas funções voltadas apenas para as atividades domésticas. Assim, com a entrada delas no mercado de trabalho, houve o acúmulo de funções, tendo em vista que as mulheres mesmo trabalhando fora de casa, continuaram responsáveis pelos afazeres domésticos de seus lares, pelo cuidado dos filhos e marido; e passaram a contribuir para o sustento do lar através do exercício da sua profissão.

Diante disso a professora Dália afirma: “Nossa, eu preciso cuidar das coisas de casa antes de sair para trabalhar, e quando chego já preciso me preparar para o outro dia, adiantando os serviços, eu nunca consigo chegar em casa e deitar para assistir à novela”.

A professora Rosa reforça: “Em minha casa eu e meu esposo somos professores da rede, mas quando chegamos em casa, apenas eu faço os trabalhos domésticos, é como se fosse uma obrigação apenas minha”.

Campos e Viegas (2018) destacam em seus estudos que as mulheres costumam atuar em sua grande maioria nos anos iniciais da educação básica, etapa onde existe uma maior desvalorização econômica e social da profissão docente, diferente dos homens que geralmente atuam nos anos finais e no ensino médio, onde os salários são melhores, evidenciando assim, a diferença salarial entre homens e mulheres.

A professora Jasmim relata: "Eu gosto do que faço, mas preciso de tempo para me cuidar e estudar, na educação infantil não somos valorizadas como profissionais, eu preciso estudar para conseguir outro emprego".

As docentes destacam em suas narrativas, que mesmo trabalhando fora de casa e contribuindo com a renda familiar, elas exercem mais tarefas no cotidiano, pois além das atividades laborais, as mesmas precisam realizar as atividades domésticas, evidenciando assim, a necessidade de homens e mulheres compartilharem as mesmas responsabilidades familiares e do lar, a fim de promover condições igualitárias de possibilidades de investimento na formação continuada, com o intuito da mulher buscar por melhores postos e condições de trabalho.

Diante dos baixos salários, as professoras buscam por mais horas de trabalho, que, somadas a outras atividades diárias, geram o aumento de sua sobrecarga de trabalho, fazendo com que estas tenham pouco tempo para estudar e se qualificarem, ficando assim, sem perspectiva de avançar na sua profissão em busca de melhores salários.

A professora Margarida diz: "Cuidar de casa, dos filhos, do marido e ter que trabalhar fora, exige muito de nós mulheres, temos que ser fortes o tempo todo e ter muita paciência, às vezes penso que não posso nem adoecer, isso é terrível".

A professora Açucena relata: "Toda essa sobrecarga de trabalho em casa afeta minhas atividades na escola, eu chego cansada, às vezes não dou uma boa aula, e eu me cobro muito por isso".

Diante disso, podemos observar que esses fatores somados às questões ambientais, psíquicas, socioculturais e aos aspectos físicos da escola afetam diretamente as professoras, podendo gerar a desmotivação, a falta de autor realização e o adoecimento. E entendendo que a saúde mental das docentes possui relação direta com aspectos relativos ao trabalho, tais como seu modo de organização e sua divisão, seus sentidos e significados, evidenciando a necessidade da elaboração de estratégias para a valorização e promoção da saúde mental das docentes.

3.4 O trabalho durante a pandemia do covid-19

No início do ano de 2020 a Organização Mundial da Saúde (OMS) anunciou a pandemia mundial da Covid-19, doença que é provocada pelo novo agente do coronavírus (Sars-Cov-2). A rápida transmissão do vírus acontece por meio de contato interpessoal, o que

fez com que diversas medidas de prevenção fossem adotadas com o objetivo de evitar a rápida propagação do vírus. No Brasil e no mundo, medidas de isolamento social e sanitárias foram utilizadas com o objetivo de conter a proliferação (SILVA et al., 2020; WHO, 2020; SANTOS et al., 2021).

Como consequência, as medidas adotadas causaram, em todos os países, mudanças nos mais diversos segmentos da vida humana, dentre elas, alterações na realidade vivenciada por muitos profissionais. Destaco aqui as profissionais da educação que, até então, estavam habituadas a ministrarem aulas presencialmente e que devido às medidas de isolamento e às aulas presenciais suspensas, tiveram que rapidamente se reinventar e aprender novos modos de ensinar, enfrentando a necessidade de adaptação a utilização de aplicativos e recursos de ensino e aprendizagem de forma remota, através das tecnologias de informação e comunicação, algo que era pouco utilizado até então por esses profissionais (KAPPES et al., 2021).

Segundo Rondini Pedro e Duarte (2020), a pandemia afetou estudantes e docentes, de modo que todos sofreram modificações em suas vidas. Nessa perspectiva e sem saber até quando o cenário pandêmico iria durar, as escolas, os alunos, as famílias e as professoras tiveram que buscar alternativas viáveis para manter o vínculo e desenvolver as atividades pedagógicas, afetivas e sociais, considerando, que a escola é uma instituição que não somente proporciona aprendizagem científica, mas também proporciona trocas interpessoais e desenvolve funções psicológicas do ser humano, marcando afetivamente e socialmente os alunos (ROCHA; ROSSETTO, 2021).

Sá et al. (2020) destacam que

Os docentes tiveram que aprender a manusear diversos equipamentos tecnológicos. Utilizar softwares e aplicativos, gravar e editar vídeos, além de formular todo o seu planejamento em pouco tempo, usar seus próprios recursos e fazer recursos impressos para os alunos que não tem acesso à internet, para que o ensino remoto pudesse de fato funcionar, dando continuidade ao processo de ensino-aprendizagem e permitindo o distanciamento necessário para evitar a proliferação do coronavírus.

A partir da contextualização referente ao trabalho docente no período pandêmico, durante a realização dos encontros dos grupos focais foi conversado com as professoras sobre os principais desafios enfrentados por elas. Houve falas como a de Margarida: “o meu maior desafio foi me inserir no mundo pós moderno onde a tecnologia predomina, tive que me reinventar em um pequeno espaço de tempo para dar aula radicalmente diferente, sem nunca ter experienciado esse formato”. Para a professora Rosa o maior desafio foi “aprender em

tempo hábil a lidar com os aplicativos próprios para vídeo e desenvolver as habilidades pessoais, articulação frente as câmeras”. Já para a professora Tulipa o maior desafio “foi deixar a timidez de lado e ter que encarar a câmera para gravar vídeo aula, sem falar que não tinha um local apropriado para as gravações, sempre aconteciam imprevistos e muitos erros”.

Outros fragmentos importantes para serem destacados, por exemplo, são as falas como a da professora Flor de Lis, que diz que “Os maiores desafios foram manter ou estabelecer os vínculos de afetividade e interação próprios do relacionamento presencial e buscar meios para inovar sempre com o intuito de obter atenção e promover aprendizagem em um ambiente virtual, foi muito difícil, mas depois nos acostumamos”. Girassol apontou que “o maior desafio foi a adaptação na nova forma de ensinar, visto que além das professoras, as famílias tiveram dificuldades em virtude da falta de acesso à tecnologia”. Violeta afirmou que “Um dos maiores desafios foi chegar até as crianças que não tinham acesso a nenhum meio tecnológico”.

Mesmo diante de todo o cenário de novos desafios enfrentados por essas profissionais e apesar de todo trabalho desenvolvido, por muitas vezes elas foram julgadas por parte da população, que afirmavam que as mesmas não estavam trabalhando durante esse período, que não queriam retornar para o ambiente da sala de aula e que mesmo assim continuavam recebendo seus salários, um verdadeiro ataque cruel a essa classe de profissionais.

Com a transformação do ambiente domiciliar em posto de trabalho, as professoras passaram a trabalhar de forma individualizada e assumiram todas as despesas com os materiais necessários, como por exemplo: celular, computador, internet, luz elétrica, impressora, entre outros, em contrapartida gerando, uma economia para o Estado neoliberal, acirrando a divisão social e deixando a classe trabalhadora mais fragilizada diante da limitada reflexão conjunta devido ao isolamento (SOUZA et al., 2021).

Referente a isso a professora Gardênia citou “procurei superar minhas necessidades utilizando meus próprios recursos e buscando aprender da melhor forma possível afim de repassar para meus alunos um ensino de qualidade”. Em seus estudos, Neves (2021, p. 9) aponta que o Estado tem se ausentado desse contexto de precarização laboral por renunciar ao cumprimento da função de formular e implementar políticas de assistência voltadas à saúde e à proteção social dos professores.

Problemas relacionados à profissão docente não são novos, mas com a pandemia houve uma intensificação, diversos estudos evidenciam, um elevado número de profissionais com sofrimento e adoecimento mental, nos diferentes níveis de ensino de atuação das professoras (CAMPOS; VÉRAS E ARAÚJO, 2020; PINHO, 2018; SOUZA et al., 2021).

As professoras passaram a trabalhar em casa e fizeram do seu lar, um local que até então era um lugar de descanso, privacidade e lazer, um local sinônimo de trabalho, em condições de trabalho improvisadas, divididas com outros familiares que também passaram a trabalhar em *home office*, com interrupções diversas.

Referente a isso a professora Azaléia afirmou; “Era muito difícil gravar aula em casa, tinha o cachorro que latia, a criança que gritava, o barulho de moto na rua e até o barulho da vizinha atrapalhava, eu tinha que refazer a gravação várias vezes, ou então deixava pra gravar na madrugada, pois tinha mais silêncio, eu ficava bem mais cansada do que quando a aula era presencial. Assim, imersos na vida privada, esses profissionais se depararam com novas exigências que repercutiram tanto na rotina social quanto laboral (KAPPES et al., 2021).

Saraiva, Traversini e Lockmann (2020), afirmam que a rápida necessidade de adaptação, a invasão de casa pelo trabalho, a insegurança, a ansiedade frente ao cenário econômico e as condições sanitárias geraram nas docentes um verdadeiro estado de exaustão, fazendo com essas profissionais ficassem desmotivadas e sem acreditar na força do seu trabalho.

A carga horária de trabalho imposta às professoras, que já era considerada extensa, tornou-se ainda mais longa. Com o ensino remoto, as professoras passavam horas do seu dia, gravando e editando vídeos, planejando aulas e atividades diferenciadas, atendendo pais e alunos em grupos de mensagens, participando de reuniões fora do horário de expediente e aprendendo a utilizar novos aplicativos. Barbosa, Viegas e Batista (2020, p. 277) apontam que “no ensino remoto o professor pode se sentir desanimado e decepcionado por sua falta de conhecimento e domínio pleno da ferramenta, ampliando sua carga horária de trabalho em busca da competência”.

Além disso, somam-se as preocupações de ordem familiar e pessoal, com a saúde e com a manutenção do vínculo empregatício, incerteza de voltar para a sala de aula presencial, a evasão escolar, sentimento de medo e insegurança, esgotamento físico e mental, ansiedade, estresse e depressão que geram abalos e fragilidades (MONTEIRO; SOUZA, 2020; SILVA et al., 2020; SILVA; BATISTA E TROTA, 2020).

Para Bessa (2021), o trabalho pedagógico mudou e aumentou significativamente. Todo esse contexto tem “afetado a saúde mental dos professores e isso tem contribuído diretamente na qualidade de vida destes profissionais” (FERREIRA; SANTOS, 2021, p. 2). Diante disso, as profissionais docentes sofreram com o excesso de atividades e o não reconhecimento, o que perdura até os dias atuais, já que mesmo com o retorno para as salas de aula, muito do trabalho aprendido e desenvolvido durante o período pandêmico permanece na rotina laboral das mesmas. A pandemia, de fato, tem gerado sofrimento mental e emocional as docentes (COELHO et al., 2021).

É importante destacar que embora, durante o período pandêmico, a carga horária de trabalho tenha aumentado para homens e mulheres, na divisão dos trabalhos domésticos as mulheres continuaram assumindo as principais funções e quando fala-se da mulher professora, evidencia-se uma demanda ainda maior de trabalho, pois para estas, surgiu a necessidade de “conciliar o trabalho remoto, doméstico e em vários casos os cuidados dos(as) filhos(as) e/ou de seus pais idosos (PEREIRA; SANTOS E MANENTI, 2020). Com isso, os aspectos que dificultaram a realização do trabalho remoto foram múltiplos e se inter-relacionaram com outras características da divisão desigual social e sexual do trabalho (BERNARDO; MAIA E BRIDI, 2020).

Diante disso, o trabalho remoto provocou um acúmulo de tarefas, aumento das horas semanais dedicadas ao trabalho doméstico e cuidado de familiares e redução do tempo investido para lazer e cuidado de si (MACÊDO, 2020; PESSOA ET AL., 2021). Passou a não existir a divisão entre trabalho doméstico e trabalho laboral, as atividades estavam interligadas e sem horário determinado, a mulher era exigida em todos os aspectos e não tinham o suporte necessário para que pudessem agir de forma saudável.

Segundo Souza et al. (2020) essas novas demandas exigidas para as professoras acabam por causar sofrimento às mesmas, que passam manifestar sinais de cansaço, e sintomas de ansiedade, o que favorece o aumento do número de transtornos mentais entre essas profissionais. Outro fator importante é que muitas vezes essas mulheres não reconhecem isso, normalizam o excesso de trabalho devido ao contexto histórico no qual estão inseridas e pelas barreiras encontradas nas tentativas de mudanças.

Losekann e Mourão (2020, p. 74) afirmam que “os cuidados com a saúde física e mental devem ser ampliados em momentos de crise, sendo necessário o alerta de que o trabalho não pode ser extenuante e provocador de adoecimento”. Mas sim, algo prazeroso,

que faça sentido, proporcione bem-estar para o sujeito e ele possa desenvolver suas atividades de forma positiva, buscando ter qualidade de vida dentro e fora do seu trabalho.

Para Pereira, Santos e Manenti (2020), o cuidado com a saúde mental das professoras é imprescindível, é necessário que as condições de trabalho delas sejam adequadas ao momento no qual se vive, buscando estratégias para o bom retorno às aulas presenciais. Segundo os autores, ações preventivas e promotoras de saúde podem reduzir as implicações psicológicas da pandemia.

Na fala das interlocutoras da pesquisa evidenciou-se poucas tentativas de cuidados com a saúde mental das mesmas e dos alunos, por parte dos órgãos superiores competentes para o preparo e retorno ao ensino presencial. Em sua fala, a professora Rosa afirmou: “Eu tive muito medo de retornar ao ensino presencial, eu não me sentia segura, via que a escola não estava preparada com os recursos necessários, os alunos não ficavam com máscaras, muitos nem mesmo tinham, a gente não teve suporte emocional, muitas colegas perderam familiares, muitas colegas se foram, e no final nós só tínhamos umas às outras para nos ajudarmos”.

Assim, evidencia-se o quanto desafiador e desmotivador foi o período pandêmico para essas profissionais e o quanto a ampliação do trabalho gerou um desgaste mental e processos de adoecimento nas mesmas.

4 ARTIGO

O artigo científico intitulado Trabalho e saúde: prazer e sofrimento no trabalho de professores, com as palavras chaves: Trabalho docente, prazer-sofrimento, saúde mental, contexto escolar; foi encaminhado para a Revista Cadernos de Psicologia Social do Trabalho, Qualis A3, no mês de abril de 2023, e aguarda ser publicado.

O envio foi regido de acordo com as normas da revista, descritas abaixo:

- Uso da linguagem de acordo com as normas oficiais vigentes, articulação clara e bem organizada das exposições, análises e argumentos, originalidade, uso coerente e suficiente de literatura de apoio (teórica, temática, metodológica);
- Autores ciente da Ética em Publicação Científica e da Política de Plágio adotadas pela revista;
- Elaboração e envio da Carta de Autoria conforme orientação nas Diretrizes aos Autores e de acordo com o modelo fornecido pela revista;
- Envio do artigo realizado por meio do sistema de submissão online do portal da revista;
- A contribuição deveria ser original, inédita e não está sendo avaliada para publicação por nenhuma outra revista e a os autora deveria estar de acordo com a submissão;
- Nome da autora, e-mail, ORCID e afiliação institucional deveriam ser preenchidos na seção correspondente no sistema no momento da submissão, não devendo constar nenhuma dessas informações no arquivo do manuscrito;
- Em caso de uso das obras da própria autora, que possibilitassem sua identificação no manuscrito, estas deveriam ser referidas apenas por "Autor" e o ano de publicação (sem citar o título), tanto no texto como no início da seção de referências, pois caso o artigo seja aprovado, a autora deverá inseri-las posteriormente;
- A autora precisava estar ciente que a equipe editorial se reserva o direito de aceitar ou rejeitar os artigos que avalie terem um número de autores que não corresponda proporcionalmente ao trabalho de investigação apresentado;
- A submissão do manuscrito implicava a cessão imediata e sem ônus para a Cadernos de Psicologia Social do Trabalho dos direitos de publicação em primeira mão. A autora continuará a deter os direitos autorais para a publicação posterior e, nesse caso, deverá ser feita menção à primeira publicação neste periódico;
- O manuscrito deveria ser redigido em português ou espanhol, mantendo a seguinte formatação: formato de papel A4, fonte Times New Roman, tamanho 12, estilo normal

em todos os parágrafos, espaçamento 1,5 e margens de 2 centímetros, sem quebras de páginas ou de seções. Títulos em negrito e os subtítulos em itálico. Ambos com apenas a primeira letra maiúscula. O manuscrito completo (incluindo texto, notas de rodapé e referências) não poderia ultrapassar 55 mil caracteres (incluindo espaços). Estando em um único arquivo, em formato compatível com os editores de textos Word, de preferência em docx;

- Além do manuscrito, o arquivo deveria conter título, resumo e palavras-chave na língua original (português ou espanhol) e uma versão em inglês. O conjunto das palavras-chave deveria refletir o conteúdo do texto e reunir de três a seis expressões;
- O resumo e o abstract, com até 1200 caracteres (contando-se também os espaços), apresentados em um único parágrafo, informando: objetivos, método (quando for o caso), resultados e conclusões;
- As referências seguiram o padrão da última edição das normas da American Psychological Association (APA);
- As notas apontadas no corpo do texto deveriam ser indicadas com números sequenciais, imediatamente depois da frase a que digam respeito. As notas deveriam ser apresentadas no rodapé da mesma página.

5 DESCRIÇÃO E APRESENTAÇÃO DO PRODUTO TÉCNICO

A cartilha eletrônica “Trabalho docente e saúde mental: atenção ao sofrimento e ao adoecimento das professoras da educação infantil” é resultado da pesquisa-intervenção intitulada “A docência e seus (des)prazeres no contexto da educação infantil”, desenvolvida durante o Mestrado Profissional em Psicologia da Universidade de Santa Cruz do Sul e vinculada a área de concentração Práticas Contemporâneas, Políticas Públicas e Saúde Mental.

O objetivo da cartilha é levar conhecimento as docentes, com informações sobre “o trabalho e sua influência na vida da trabalhadora, na saúde mental do docente, bem como, sobre formas de cuidado, onde buscar ajuda, locais de referência. pretende por meio das redes sociais, socializar os conhecimentos produzidos neste estudo com as docentes para que possam identificar as vivências de mal-estar e traçar estratégias de promoção da saúde mental e prevenção de sofrimento e adoecimento psíquico, na busca por qualidade na vida dentro e fora do ambiente de trabalho.

Conforme Grupo de Trabalho de Produção Técnica-CAPES sobre o detalhamento de produtos técnicos obtidos pelas pesquisas desenvolvidas pelos programas de pós-graduação visando o avanço do conhecimento, a cartilha eletrônica surge como um material didático, um produto de apoio/suporte com fins didáticos (CAPES, 2019).

A ideia surgiu a partir da experiência vivenciada pela própria pesquisadora enquanto professora da educação infantil em um Centro Municipal de Educação infantil no município de Teresina-PI e do processo de pesquisa que acompanhou e registrou no cotidiano das docentes, sujeitos da pesquisa, dentro do ambiente escolar, através das narrativas realizadas durante os encontros dos grupos focais.

Como produto técnico, a cartilha foi sendo construída ao longo do processo desta pesquisa, concomitante aos diferentes momentos vividos, partilhados e socializados durante os encontros dos grupos focais, grupos estes, que serviram como metodologia para produção de dados. O significado atribuído às vivências no cotidiano escolar, pelas docentes participantes da pesquisa, contribuiu para o reconhecimento dos sentimentos experimentados por elas no contexto laboral.

Diante dos resultados encontrados durante a pesquisa e corroborando com as necessidades sinalizadas pelas docentes participantes da pesquisa, evidencia-se que a cartilha eletrônica será de grande importância para as profissionais, pois irá proporcionar o fácil acesso a informações pertinentes sobre trabalho, saúde, estratégias de promoção da saúde mental e

prevenção de sofrimento e adoecimento psíquico, na busca de ter qualidade de vida no trabalho.

No que diz respeito ao uso da cartilha eletrônica, ela poderá ser facilmente compartilhada por profissionais docentes ou profissionais da área da saúde, através dos meios eletrônicos, sendo utilizada para uso pessoal, para reflexão no ambiente laboral e até mesmo como guia de consulta de locais onde os docentes podem buscar ajuda.

O produto técnico proposto apresenta aderência e pertinência às linhas de atuação do Programa, mais especificamente à linha de Práticas contemporâneas, políticas públicas e saúde mental, que abarca pesquisas voltadas para resolução de problemas sociais. O produto técnico proposto preenche os quesitos avaliativos ao possibilitar a discussão e a reflexão necessária sobre a saúde mental do profissional docente e sobre estratégias de promoção da saúde mental e prevenção de sofrimento e adoecimento psíquico, na busca de ter qualidade de vida no trabalho.

Trabalho docente & saúde mental

Atenção ao sofrimento e ao
adoecimento das professoras

Mestranda: Andréa da Silva Dantas Santos
Orientadora: Prof. Dr^a Edna Linhares Garcia





Andréa da Silva Dantas Santos

Autora

Apresentação

Esta cartilha foi produzida como produto técnico, requisito parcial para conclusão do curso de mestrado, e resultante da pesquisa- intervenção “A docência e seus (des)prazeres no contexto da educação infantil”, vinculada ao Mestrado Profissional em Psicologia, da Universidade de Santa Cruz do Sul -UNISC, inserida na Linha de Pesquisa I — Práticas Clínicas Contemporâneas, Políticas Públicas e Saúde Mental, que abarca o desenvolvimento de pesquisas e tecnologias voltadas para a intervenção em que são implementadas políticas públicas. É um dos resultados da pesquisa.

Este material é destinado aos profissionais docentes, em seus diversos níveis e tem como objetivo levar conhecimento aos docentes, com informações sobre “o trabalho e sua influência na vida do trabalhador, na saúde mental do docente, bem como, sobre formas de cuidado, onde buscar ajuda, locais de referência. Pretende por meio das redes sociais, socializar os conhecimentos produzidos neste estudo com os docentes para que possam identificar as vivências de mal-estar e traçar estratégias de promoção da saúde mental e prevenção de sofrimento e adoecimento psíquico, na busca por qualidade na vida dentro e fora do ambiente de trabalho.

1. $3^2 \cdot 3 \cdot 3 \cdot 3 = 3^4$

2. $2^{-3} = \frac{1}{2^3}$ T/F

3. $\sqrt{64} =$

4. $3[8 + (4 + 2)] =$

5. $\frac{2^5}{2^3}$

6. $3(4^2)$



Fonte da imagem: Canva



O que é saúde mental?

De acordo com a Organização Mundial de Saúde (OMS), a saúde mental não deve ser entendida como mera ausência de doença. Pode ser compreendida como um estado de bem-estar, no qual o indivíduo acredita em suas habilidades e reconhece suas limitações.

Pode ainda, buscar ajuda quando necessário, consegue lidar com as dificuldades da vida cotidiana, é capaz de trabalhar produtivamente e contribuir para o meio social no qual está inserido, consegue estar bem consigo mesmo e com as pessoas ao seu redor, e saber lidar com emoções boas e desagradáveis que fazem parte do seu cotidiano.

Além disso, é importante saber que a saúde mental está diretamente relacionada à saúde física.



Fonte das imagens: Canva

Saúde e Trabalho

Existe uma relação entre o sujeito e o labor. O trabalho tem um significado que vai além da remuneração financeira ao final do mês. É um espaço de construção de uma identidade social, por isso, se sentir engajado e reconhecido, assim como se sentir seguro em um ambiente de trabalho adequado as suas funções laborais é de fundamental importância para a integridade física e mental de todo e qualquer sujeito.



Fonte da imagem: Canva

**O trabalho pode
ser um
determinante de
saúde-doença.**



Fonte da imagem: Canva

O que se considera a saúde do trabalhador?

Segundo a Lei nº 8.080/90, art.6, §3.º entende-se por saúde do trabalhador o conjunto de atividades do campo da saúde coletiva que se destina, por meio das ações de vigilância epidemiológica e vigilância sanitária, à promoção e proteção da saúde dos trabalhadores, assim como visa à recuperação e reabilitação da saúde dos trabalhadores submetidos aos riscos e agravos advindos das condições de trabalho.

Podemos apontar como o conjunto de fatores que determinam a qualidade de vida da professora e do professor, como por exemplo as condições adequadas de alimentação, educação, moradia, transporte, lazer e acesso aos bens e serviços essenciais que contribuem para a sua saúde, bem como direito a garantia de trabalho em um ambiente saudável que não lhe gere adoecimento ou morte.



Fonte da imagem: Canva

Vídeo: O que é a saúde do trabalhador?



<https://www.youtube.com/watch?v=ccGJuPHorsI>



O que é transtorno mental relacionado ao trabalho?

Conforme a Nota Informativa 94/2019-DSATE/SVS/MS, transtorno mental relacionado ao trabalho é todo caso de sofrimento emocional, em suas diversas formas de manifestação tais como choro fácil, tristeza, medo excessivo, doenças psicossomáticas, agitação, irritação, nervosismo, ansiedade, taquicardia, sudorese, insegurança, entre outros sintomas que podem indicar o desenvolvimento ou agravamento de transtornos mentais utilizando os CID - 10: Transtornos mentais e comportamentais (F00 a F99), Alcoolismo (Y90 e Y91), Síndrome de Burnout (Z73.0), Sintomas e sinais relacionados à cognição, à percepção, ao estado emocional e ao comportamento (R40 a R46), Pessoas com riscos potenciais à saúde relacionados com circunstâncias socioeconômicas e psicossociais (Z55 a Z65), Circunstância relativa às condições de trabalho (Y96) e Lesão autoprovocada intencionalmente (X60 a X84), os quais tem como elementos causais fatores de risco relacionados ao trabalho, sejam resultantes da sua organização e gestão ou por exposição a determinados agentes tóxicos.



Fonte da imagem: Canva

O que é a Política Nacional de Saúde do Trabalhador e da Trabalhadora?

A Portaria nº 1.823, de 23 de agosto de 2012 Institui a Política Nacional de Saúde do Trabalhador e da Trabalhadora que tem como finalidade definir os princípios, as diretrizes e as estratégias a serem observados pelas três esferas de gestão do Sistema Único de Saúde (SUS), para o desenvolvimento da atenção integral à saúde do trabalhador, com ênfase na vigilância, visando a promoção e a proteção da saúde dos trabalhadores e a redução da morbimortalidade decorrente dos modelos de desenvolvimento e dos processos produtivos.

Alinha-se com o conjunto de políticas de saúde no âmbito do SUS, considerando a transversalidade das ações de saúde do trabalhador e o trabalho como um dos determinantes do processo saúde-doença.



Quais são alguns dos fatores de risco para a saúde mental das professoras?

1. Sobrecarga de trabalho;
2. Pressões no ambiente laboral;
3. Falta de reconhecimento profissional;
4. Desvalorização e baixos salários;
5. Falta de respeito das famílias e violência dos alunos;
6. Estresse, cansaço, sofrimento psíquico, depressão e ansiedade;
7. doenças otorrinolaringológicas e osteomusculares, entre outras.

(Tostes et al, (2018); Dejours (2018), entre outros.

Vídeo: A saúde mental dos professores- uma reflexão



<https://www.youtube.com/watch?v=UXPkEukD3KE&t=366s>



Prazer e sofrimento no trabalho como indicadores de saúde mental docente

Segundo Dejours (2018), a relação do trabalhador com a organização do trabalho pode ser fonte de sofrimento e prazer, o labor nunca é neutro com relação a saúde. O mesmo trabalho que proporciona identidade, representação social, realização e evolução para o indivíduo, pode também, ser fonte de adoecimento mental, apontando as fragilidades emocionais que atravessam as subjetividades dos trabalhadores no seu cotidiano.

O trabalho é o envolvimento do corpo e da mente do sujeito, da criação, do intelecto e dos afetos envolvidos para responder a uma realidade que demanda algo específico.
(DEJOURS, 2004).

Dica de Filme



Atualmente, constata-se que escolas, tem em sua organização uma dinâmica que permite as professoras conciliarem todo o trabalho a ser realizado de forma mais flexível, favorecendo, que essas profissionais tenham condições de atender as demandas de forma que não a sobrecarreguem, possibilitando o bem-estar no exercício de suas atividades.



Fonte da imagem: Canva

Na busca por sentirem-se bem, alguns indivíduos dedicam-se as suas atividades laborais, por sentirem o local de trabalho como um ambiente agradável, por terem bons vínculos afetivos com os colegas de profissão, pela oportunidade de manterem-se ativos e contribuírem para a realização de determinadas atividades. Tais atitudes contribuem para o bem-estar do sujeito, o que subjetivamente afeta de forma positiva a saúde mental do mesmo.

**Trabalhar não é somente produzir,
é também transformar a si mesmo.
(Christophe Dejours)**

No entanto, para muitos o trabalho pode ser fonte de sofrimento e adoecimento, diante das questões conflituosas do cotidiano e como o sujeito passa a enxergar esse trabalho. Dejours (2012, p.364) aponta que “o sofrimento no trabalho começa quando apesar de seu zelo, o trabalhador não consegue dar conta da tarefa”. Nesta contradição, as docentes mostram insatisfação e desconforto ao mesmo tempo que mostram o desejo e prazer em exercer suas atividades laborais.

A importância do reconhecimento do trabalho docente

Ao longo dos anos, devido ao seu contexto histórico, a profissão docente enfrentou desafios na tentativa de firmar o seu valor social educativo. Nesse contexto, as professoras buscaram por reconhecimento e valorização profissional através de ações que demonstram a necessidade de uma educação efetiva para o desenvolvimento cognitivo, pessoal, social e cultural de todos os indivíduos.

A professora sente-se mais confiante e determinado quando tem sua competência reconhecida. Reconhecimento este, não apenas de forma material, mas também simbólica, por parte dos gestores, colegas de profissão, pais e aluno.



Fonte da imagem: Canva

A importância do reconhecimento do trabalho docente

Evidenciando isso, Dejours (2011) aponta que as vivências de prazer se manifestam por meio da gratificação, da realização, do reconhecimento e da valorização do trabalho. Assim, quanto maior for a satisfação pelo trabalho realizado, menos frequentes serão as vivências de prejuízo emocional no trabalho (FRANÇA E MOTA, 2021).

Portanto, é preciso que exista o reconhecimento das profissionais docentes a partir do respeito e da valorização, pois, quando a trabalhadora não goza dos benefícios de ser reconhecida no ambiente laboral, nem de encontrar o sentido de sua relação com o trabalho, pode ser levada ao sofrimento, gerando uma desestabilização na sua identidade, assim, favorecendo o seu adoecimento.



Fonte da imagem: Canva

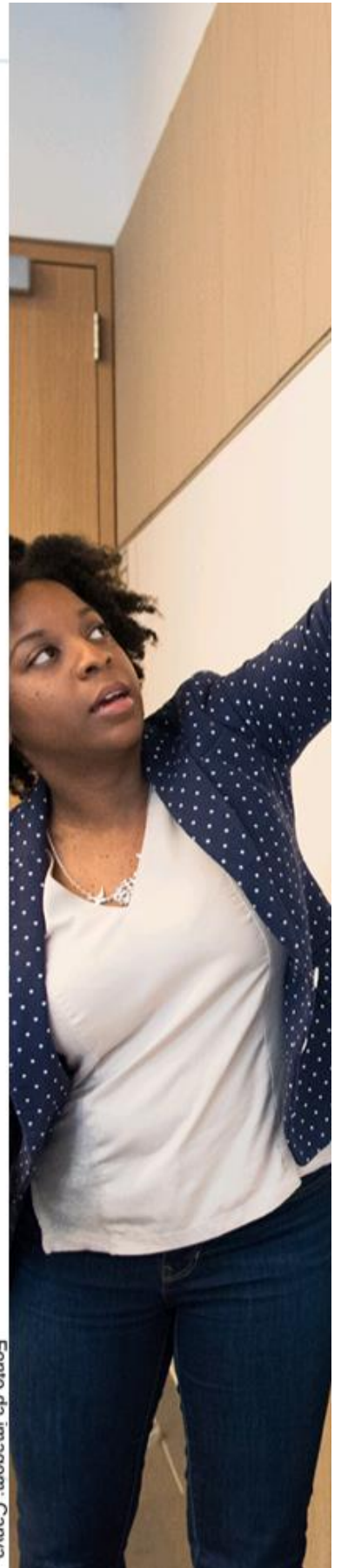
Trabalho docente: Estratégias defensivas X Estratégias de mobilização

Pesquisas apontam que muitos profissionais buscam estratégias para melhor lidar com as adversidades do cotidiano no ambiente de trabalho, essas são consideradas defensivas ou de mobilização.

As estratégias defensivas podem ser individuais ou coletivas. Dejourns (2004) aponta que as estratégias individuais são caracterizadas pelos mecanismos de defesas interiorizados que operam mesmo sem a presença de outro sujeito e que as coletivas, surgem da ação conjunta dos trabalhadores e contribuem para o enfrentamento do sofrimento coletivo causado nas atividades laborais.

O trabalho afeta a relação de prazer e sofrimento no ambiente laboral, podendo se transformar em adoecimento físico e psíquico, daí sua estreita ligação com a saúde.

Fonte da imagem: Canva



O uso das estratégias de mobilização favorece a profissional docente vivenciar experiências positivas, dentro e fora do ambiente escolar. Evidencia, que “na medida em que as professoras desenvolvem estratégias para suas atividades no trabalho, elas buscam formas para transformar o seu sofrimento, canalizando-o para uma vivência de prazer no trabalho” (SOARES E ABRAÃO, 2017, p.20). Isso acontece, numa tentativa de tornar as atividades laborais mais agradáveis de serem realizadas e na busca de favorecer saúde para as mesmas, a partir da ressignificação do sofrimento vivido no cotidiano, gerando a busca pelo prazer no ambiente laboral.

Soares e Abrão (2015) destacam que as estratégias defensivas podem gerar adoecimento e as de mobilização fazem com que a trabalhadora desenvolva a sua criatividade, transforme o fazer no trabalho em algo que lhe proporcione prazer (SOARES E ABRAÃO, 2015).

Assim, entendendo que “o sofrimento pode ser ressignificado e transformado em prazer” (Fischer e Perez 2019, p.141) e que a professora é uma profissional fundamental para o desenvolvimento educacional e social de toda a sociedade, devemos chamar a atenção dos nossos gestores políticos e educacionais para as atuais condições de trabalho e reconhecimento dessas profissionais, para que estas possam ter melhores condições de vida e saúde para exercerem de forma efetiva sua função laboral.

Dessa forma, tratar da saúde mental das professoras dentro e fora do ambiente escolar é de fundamental importância para que essas profissionais exerçam sua prática docente de forma eficiente.



Fonte das imagens: Canva

Saúde mental: Como manter ou conquista-lá?

1. Fazer boa gestão do seu tempo;
2. Desconectar-se;
3. Compreender e aceitar suas emoções e sentimentos;
4. Investir em momento de qualidade com sua família e amigos;
5. Ter tempo de lazer;
6. Manter uma alimentação saudável;
7. Descansar e dormir bem;
8. Desenvolver resiliência;
9. Alinhar todas as áreas da vida;
10. Tentar cultivar bons pensamentos;
11. aprender técnicas de meditação e relaxamento;
12. Praticar atividades físicas;
13. Reconhecer seus limites e buscar ajuda quando necessário;
14. Participar de programas de apoio existentes em seu município.

Fonte: Resultado da pesquisa-intervenção

Estas ferramentas e ações podem auxiliar a aliviar o sofrimento no trabalho, mas é essencial que também aconteça uma mobilização coletiva para buscar modificar as causas do sofrimento intenso.



Fonte da imagem: Canva

Como promover a saúde mental na escola?

1. Estabelecendo relações seguras entre professores e alunos;
2. Estabelecendo relações de respeito entre todos os funcionários da escola;
3. Proporcionando encontros com familiares para a aproximação família-escola;
4. Oportunizando auxílio na formação de professores, por meio de capacitações com profissionais da área;
5. Desenvolver projetos de competências socioemocionais;
6. Promover melhoras no ambiente físico da escola visando promover bem estar;
7. Oportunizar momentos de escuta dos professores pelos gestores;
8. Desenvolver um trabalho em conjunto com toda equipe escolar.

Fonte: Resultado da pesquisa-intervenção



Fonte da imagem: Canva

Quais profissionais podem ajudar as professoras a cuidarem da sua saúde mental?



Psicólogo

Atua no estudo e análise dos processos intra e interpessoais, utilizando enfoque preventivo ou curativo, isoladamente ou em equipe multiprofissional, em instituições formais e informais. O psicólogo clínico realiza pesquisa, diagnóstico, acompanhamento psicológico, e intervenção psicoterápica individual ou em grupo.

(CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA, 1992)

Psiquiatra

Atua no diagnóstico, tratamento, prevenção e reabilitação das pessoas que sofrem de algum tipo de sofrimento ou distúrbio psíquico, podendo tanto fazer psicoterapia quanto prescrever medicamentos. (PORTAL EDUCAÇÃO, 2018).

Fonte das imagens: Canva

Onde Buscar ajuda?



Instituição: FAESPI- Serviço Escola de Psicologia
Telefone: 86 3303-3844
Endereço: Av. Pernambuco, 2998, Vila Operária, Teresina- PI.

Instituição: FSA- Serviço Escola de Psicologia
Telefone: 86 3234-5540
Endereço: Av. Pres. Kennedy, 4500, Morros, Teresina- PI.

Instituição: UESPI- Clínica Escola de Psicologia
Telefone: 86 3233-3919
Endereço: Av. Elias João Tajra, 1066, Igreja Batista do Jôquei, Teresina- PI.

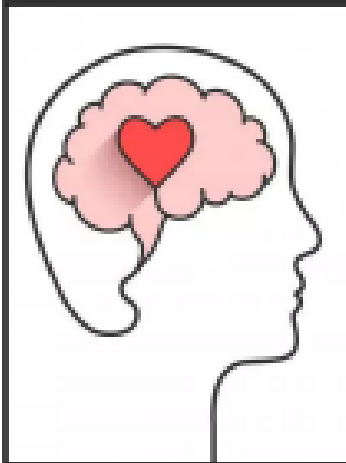
Instituição: FACID WYDEN- Clínica Escola de Psicologia
Telefone: 86 3216-7934
Endereço: R. Veterinário Buggy Brito, 1354 - Horto, Teresina- PI.

Instituição: PROVIDA Hospital Linen Araújo
Telefone: 86 3215- 9131
Endereço: Rua Magalhães Filho, 152, Centro, Teresina- PI.

Instituição: Centro de Valorização da Vida
Telefone: 188, Teresina- PI.

Instituição: CAPS II SUL
Centro de Atenção Psicossocial Tipo II- Sul
Telefone: (86) 3218-4865
Endereço: Av. Barão de Gurguéia, 2913, Pio XII- Teresina- PI.

Onde Buscar ajuda?



Instituição: CAPS II LESTE

Centro de Atenção Psicossocial Tipo II-Leste

Telefone: (86) 3216-3967

Endereço: Rua Visconde da Parnaíba, 2435, Horto Florestal-Teresina-PI.



Instituição: CAPS II SUDESTE

Centro de Atenção Psicossocial Tipo II-Sudeste

Telefone: (86) 3236-8747

Endereço: Rua Poncion Caldas, Colorado - Loteamento Parque do Sol – Renascença-Teresina-PI.

Instituição: CAPS II CENTRO-NORTE

Centro de Atenção Psicossocial Tipo II-Centro/Norte

Telefone: (86) 3213-2080

Endereço: Rua Presidente Lincoln, 4727, Bairro São Joaquim, Teresina-PI.



Instituição: CAPS III SUL

Centro de Atenção Psicossocial Tipo III-Sul

Telefone: (86) 3221-6422 / 3221-0092

Endereço: Rua Costa Rica, 466, Três Andares, Teresina-PI.

Instituição: CEREST – Centro de Estadual de Referência em Saúde do Trabalhador

Telefone: (86) 3217.3782

Endereço: Av. Pernambuco, 2464, Primavera, Teresina-PI.

Fonte das imagens: Canva

**"Reconhecer o trabalho
e a dedicação dos
educadores do nosso
país deve ser um ato
diário".**

Autor desconhecido



Fonte das imagens: Canva

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALBORNOS, S. O que é trabalho. Coleção Primeiros Passos. 6.ed. São Paulo: Editora Brasiliense, 1994.

BRASIL. Lei n. 8.080, Lei Orgânica da Saúde, de 19 de setembro de 1990. Dispõe sobre as condições para a promoção, proteção e recuperação da saúde, a organização e o funcionamento dos serviços. Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil, Poder Executivo, Brasília, DF, 20 set. 1990.

BRASIL. Ministério da Saúde. NOTA INFORMATIVA Nº 94/2019-DSASTE/SVS/MS - Orientação sobre as novas definições dos agravos e doenças relacionados ao trabalho do Sistema de Informação de Agravos de Notificação (Sinan). Brasil, DF, 2019. Disponível em< <http://www.saude.ba.gov.br/wp-content/uploads/2019/09/NOTA-INFORMATIVA-N.-942019-DSASTESVMS.pdf> >. Acesso em: 25/05/2023.

CAMPOS, M. F. de; VIEGAS, M. F. Saúde mental no trabalho docente: um estudo sobre autonomia, intensificação e sobrecarga. Cadernos de Pesquisa, São Luís, v. 28, n. 2, p. 417-437, 2021. DOI: 10.18764/2178-2229.v28n2.202132. Disponível em: <https://cajapio.ufma.br/index.php/cadernosdepesquisa/article/view/13270>. Acesso em: 29 set 2021.

CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA. Atribuições Profissionais do Psicólogo no Brasil. Disponível em Acesso em: 13 nov.2022.

DEJOURS, C. Subjetividade, trabalho e ação. Revista Produção, 14 (3): 27 34. 2004. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010365132004000300004. Acesso em: 01 jun. 2021.

DEJOURS, C. Psicodinâmica do trabalho: Contribuições da Escola Dejouriana à análise da relação prazer, sofrimento e trabalho. São Paulo: Atlas, 2011.

Dejours, C. Psicodinâmica do trabalho e teoria da sedução. Psicologia em Estudo. 2012, v. 17, n. 3, pp. 363-371. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pe/a/ZCgmnvttLdFqdzFb3tdZ3zt/abstract/?lang=pt#>. Acesso em 23 Set 2021. ISSN 1807-0329.

DEJOURS, C. A loucura do trabalho. 6. Ed. São Paulo: Cortez-Oboré, 2018.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

DUARTE, M. L. C. et al. Prazer e sofrimento no trabalho dos enfermeiros da unidade de internação oncopediátrica: pesquisa qualitativa. *Revista Brasileira de Enfermagem*, v. 74, n. Rev. Bras. Enferm., 2021; 74 supl 3, 2021.

FISCHER, D.; PEREZ, K. V. "Eu sou quem então?": o trabalho docente na educação infantil e os impactos da organização do trabalho na dinâmica do reconhecimento. *Cad. psicol. soc. trab.*, São Paulo, v. 21, n. 2, p. 133-147, dez. 2019. <http://dx.doi.org/10.11606/issn.1981-0490.v21i2p133-147>. Disponível em http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S151637172018000200003&lng=pt&nrm=iso. Acesso em 01 out. 2021.

FRANÇA, E. S.; MOTA, A. H. Prazer e sofrimento no trabalho: uma abordagem psicodinâmica. *Revista Negócios e Desenvolvimento Regional*, ano 8, nº1, p. 5-20, jun. 2021. Disponível em: https://www.fvj.br/revista/wpcontent/uploads/2021/07/1_RBNDR_20211.pdf. Acesso em: 20 jan 2022.

MENDES, E. V. Uma agenda para a saúde. Hucitec, São Paulo, 2012.

PORTAL EDUCAÇÃO. O papel do psiquiatra com o cuidado a saúde mental. [S.l.2018] Disponível em: Acesso em: 13 nov. 2022.

SILVA, I. F. Sofrimento psíquico e mal - estar docente: uma interface com o trabalho, a saúde e a doença. *Anais VI CONEDU*. Campina Grande: Realize Editora, 2019. Disponível em: <https://editorarealize.com.br/artigo/visualizar/62647>. Acesso em: 28 out 2021.

SOARES, A. L. O., ABRÃO, L. G. M. A saúde mental do professor. *Intercursos Revista Científica*, 14(1), 2017. Disponível em: <https://revista.uemg.br/index.php/intercursosrevistacientifica/article/view/2507>. Acesso: 30 Maio 2021.

TOSTES, M. V. et al. Sofrimento mental de professores do ensino público. *Saúde em Debate* [online]. 2018, v. 42, n. 116, pp. 87-99. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/0103-1104201811607>. ISSN 2358-2898. Acesso em: 20 jan 2022.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa foi realizada com professoras da rede municipal de ensino de Teresina-Piauí, atuantes na educação infantil, e teve por objetivo analisar os processos de produção de saúde e adoecimento no exercício da profissão docente na educação infantil nas perspectivas das professoras. A partir das narrativas das docentes analisamos como ocorrem, e evidencia-se como esses fenômenos estão presentes no trabalho dessas profissionais, gerando saúde, sofrimento e adoecimento dentro e fora do ambiente escolar.

Observou-se que as principais questões encontradas se referem ao histórico da constituição do trabalho docente e as características da rotina profissional. Alguns fatores geradores de sofrimento no trabalho podem ser identificados, tais como ausência de bons salários, valorização e qualificação profissional, que por muitas vezes levam as profissionais docentes a buscarem por jornadas duplas ou triplas de trabalho que somadas a falta de motivação e estímulos para o exercício da profissão possibilitam o sofrimento e o aparecimento de doenças nos profissionais docentes.

Podemos destacar também que o não reconhecimento da profissão, o estilo de gestão da escola, a falta de apoio por parte da gestão e dos políticos, as cobranças excessivas, as más condições de trabalho, as diversas funções que as professoras assumem, a ausência de muitos pais no processo de educação e desenvolvimento da aprendizagem dos filhos, e os desgastes do ambiente escolar, somados à sobrecarga do trabalho doméstico e vivências pessoais acabam contribuindo para a frustração dessas profissionais.

Evidencia-se que as vivências de sofrimento no trabalho oferecem riscos à saúde das professoras favorecendo o surgimento de sintomas. Analisar os processos de produção de saúde e adoecimento no exercício da profissão docente na educação infantil nas perspectivas das professoras torna-se de grande relevância, pois a análise das vivências indica quais aspectos possibilitam o surgimento de doenças ou oferecem riscos à saúde das docentes.

Nas narrativas das professoras mostra-se que a atividade docente possui várias características que favorecem as vivências de prazer, para esse grupo de trabalhadoras, como por exemplo o sentimento de felicidade ao ver o bom desenvolvimento das crianças, a autonomia pedagógica, a boa relação com os alunos, com a comunidades escolar e com os colegas de profissão. As relações de trabalho, em geral, foram descritas como positivas com as colegas de trabalho, porém, nem sempre tão boas com alguns pais de alunos. Com isso,

nota-se que as relações com os alunos e demais colegas de trabalho favorecem as vivências de prazer dentro dos Centros municipais de educação infantil.

Um ponto importante a ser destacado como resultado da pesquisa é a importância do reconhecimento do profissional não apenas com uma retribuição material, mas uma retribuição simbólica, por parte dos gestores, colegas de profissão, pais e alunos. É preciso que exista o reconhecimento dos profissionais docentes a partir do respeito e da valorização, pois, quando o trabalhador não goza dos benefícios de ser reconhecido no ambiente de trabalho, nem de encontrar o sentido de sua relação com o labor, o sujeito pode ser levado ao sofrimento, gerando uma desestabilização na identidade do trabalhador, assim, favorecendo o seu adoecimento.

É necessário um espaço de acolhimento e escuta para a manifestação do sofrimento vivido pelas docentes, para que elas possam falar sobre o que e como se sentem no exercício da docência compartilhando com as colegas de profissão e com gestores suas angustias, na tentativa de refletirem sobre e buscarem ajuda, possibilitando assim, benefícios para sua saúde física e mental.

A pesquisa permitiu observar importantes questões para futuros estudos, tais como o funcionamento das estratégias de enfrentamento utilizadas pelas professoras para não adoecer. Outro achado da pesquisa se deu em relação às estratégias de defesa utilizadas pelas docentes, tanto para evitar as possibilidades de sofrimento como para lidar com o sofrimento já instalado.

É importante destacar que esses fenômenos não são novos e que historicamente a profissão docente é marcada por sobrecarga de trabalho e desvalorização profissional. Diante disso, as condições de saúde das professoras têm despertado interesse de muitos pesquisadores, pois o adoecimento mental dessas profissionais torna-se cada vez mais presente no ambiente escolar.

Sobre os reflexos do desgaste mental das docentes gerados através do trabalho remoto e da pandemia, verificamos frequentes relatos de que a maioria das professoras pesquisadas se sentem despreparadas para atuarem de forma remota, além de ansiosas, sobrecarregadas, cansadas, estressadas e até depressivas diante da situação vivida. O medo, a incerteza, a dificuldade em realizar o distanciamento social e a sensação de impotência foram alguns sentimentos expostos pelas profissionais.

Em relação à continuidade das aulas durante o período da pandemia, as professoras destacaram que a situação pandêmica exigiu o aprendizado de muitas habilidades tecnológicas e a exposição do seu fazer pedagógico, para além dos muros da escola. Os desafios enfrentados não se resumiram à capacitação e ao manejo de ferramentas tecnológicas, mas também, as professoras tiveram a privacidade de seus lares expostas durante as gravações/transmissões das aulas, precisaram lidar com a dificuldade de acesso à internet e a compra de melhores aparelhos eletrônicos, aumento da jornada de trabalho, problemas emocionais advindos da própria pandemia, assim como, tiveram que fazer esforços para manter o contato com as crianças e suas famílias, por meio do uso do celular em grupos de Whatsapp.

Destaca-se também, que durante o período pandêmico, as jornadas de trabalho aumentaram bastante para homens e mulheres, porém, a divisão das tarefas domésticas, do cuidado com a família e, principalmente, dos filhos permaneceu, em especial, atribuída às mulheres, que continuaram sendo as principais responsáveis pela sua realização. Tendo em vista a sociedade patriarcal brasileira, foi possível perceber o quanto as mulheres se sentem responsáveis pelo cuidado da família. As narrativas feitas pelas profissionais demonstraram estado de ansiedade e angústia, culminados pela sobrecarga de trabalho e preocupação durante o período pandêmico, o que realça a importância do suporte voltado para o bem estar psicológico dessas profissionais.

Dessa forma, a presente pesquisa, indica que as mudanças causadas no sistema educacional no período pandêmico impactaram diretamente a rotina de trabalho das professoras, causando prejuízo às mesmas e contribuindo para a insatisfação com o trabalho.

A pesquisa revela, que as professoras investigadas, percebem suas atividades laborais como fatores para adoecimento mental a partir do momento que elas afetam suas relações interpessoais e podem gerar ansiedade e estresse, diante disso, elas buscam a saúde por meio da mobilização coletiva dentro do ambiente escolar.

A possibilidade de troca de experiências, vivências entre os profissionais da educação e a construção coletiva de estratégias para transformar aquilo que lhes causa angústia, ajuda a sustentar a saúde e a identidade enquanto profissionais. Entretanto, a rotina laboral das professoras não as garante saúde nos seus aspectos físicos, psíquicos e sociais.

Outra importante questão, observada em nossas discussões, é o fato de as professoras mostrarem-se cansadas pelas demandas familiares e domésticas, pelas quais muitas vezes são as principais, ou até mesmo as únicas responsáveis, submetidas a exaustivas jornadas de

trabalho. Elas desejam realizar melhores formações continuadas, para atender às demandas profissionais de melhorar a qualidade do trabalho e elevar o nível da própria formação, no entanto são barradas pelas extensas horas de trabalho. Essas mulheres muito se esforçam para atuarem nessas condições.

Considerando que a maioria dos profissionais docentes atuantes na educação infantil são mulheres, qualquer medida que se proponha a melhorar a qualidade da educação infantil deve considerar as questões de gênero. Melhores condições de vida e trabalho, inclusive superando-se socialmente a cultura de atribuir às mulheres a responsabilidade pelo cuidado da casa, dos filhos e da família, terão como retorno mulheres mais dispostas e saudáveis, professoras melhor preparadas e em constantes atualizações profissionais, aulas mais adequadas às necessidades das crianças e melhor qualidade de ensino.

Nesse sentido é imprescindível, portanto, a criação de processos políticos visando gerar reflexões sobre a dinâmica atual da profissão docente e as dificuldades que impactam na saúde das professoras, para que possam proporcionar respeito, saúde e qualidade de vida para as profissionais, contemplando assim, as suas reais necessidades.

Dessa forma evidencia-se que é preciso que os estudos sobre a saúde mental das professoras atuantes na educação infantil sejam incentivados, pois saúde e educação são condições preponderantes para o desenvolvimento humano e social.

Enfim, é necessário que a sociedade enxergue as professoras com um olhar mais humano, e entenda que essas profissionais precisam estar mentalmente saudáveis para exercerem sua profissão, pois o bem estar da profissional docente é imprescindível para que uma educação de qualidade aconteça efetivamente.

REFERÊNCIAS

ALBORNOZ, S. **O que é trabalho**. Coleção Primeiros Passos. 6.ed. São Paulo: Editora Brasiliense, 1994.

ALVES, N.N.L. **Amor à profissão, dedicação e o resto se aprende**”: significados da docência em educação infantil na ambiguidade entre a vocação e a profissionalização, 2006. Disponível em: <https://anped.org.br/sites/default/files/gt07-2570.pdf>. Acessado em 10 de fev.2023.

ALVES, A. I.; FERAZ, G. C.T.; PRUDENTE, T. C. A. Formação humana em tempos de pandemia: os docentes, sua vida e trabalho. **Revista Polyphonia**, [S. l.], v. 31, n. 1, p. 385–406, 2020. DOI: 10.5216/rp.v31i1.66968. Disponível em: <https://www.revistas.ufg.br/sv/article/view/66968>. Acesso em: 05 jan. 2022.

ANGOTTI, M. (Org.). **Educação Infantil**: Para que, para quem e por quê? Campinas: Alínea, 2008.

AQUINO, S. M. C. et al. Construção de cartilha virtual para o cuidado em saúde mental em tempos de COVID-19: relato de experiência. **Enfermagem em Foco**, [S.l.], v. 11, n. 1.ESP, ago. 2020. doi:<https://doi.org/10.21675/2357-707X.2020.v11.n1.ESP.3584>.Disponível em: <<http://revista.cofen.gov.br/index.php/enfermagem/article/view/3584/822>>. Acesso em: 05 fev. 2022.

BARBOSA, A. M.; VIEGAS, M. A. S.; BATISTA, R. L. N. F. F. Aulas presenciais em tempos de pandemia: relatos de experiências de professores do nível superior sobre as aulas remotas. **Revista Augustus**, v. 25, n. 51, p. 255-280, 2020.

BERNARDO, K. A. S.; MAIA, F. L.; BRIDI, M. A. As configurações do trabalho remoto da categoria docente no contexto da pandemia Covid-19. **Novos Rumos Sociológicos**, Pelotas, v. 8, n. 14, p. 8-39, dez. 2020. DOI: 10.15210/norus.v8i14.19908.

BESSA, S. Professores em tempos de pandemia: percepções, sentimentos e prática pedagógica. **Devir Educação**, p. 183-205, 18 set. 2021. DOI: 10.30905/rde.v0i0.410. Disponível em: <http://devireducacao.ded.ufla.br/index.php/DEVIR/article/view/410>. Acesso em: 22 jun. 2022.

BRASIL, C. C. P.; BATISTA, M. H.; MELO, A. K. S.; IBIAPINA, F. L. P.; BRILHANTE, A. V. M.; SILVA, R. M. O contexto da docência e sua influência no sofrimento psíquico de professoras do ensino fundamental. **Revista Brasileira em Promoção da Saúde**. 2016. Disponível em: <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=40848190005>. Acesso em: 02 out 2021.

BRASIL. **Lei nº 9394 de 1996**. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Brasília: Presidência da República.

BRAZ, A. C. A. R. As implicações das atividades docentes na saúde física e mental do professor. **Revista Terra & Cultura**: Cadernos de Ensino e Pesquisa, [S.l.], v. 23, n. 45, p. 24-34, set. 2018. ISSN 2596-2809. Disponível em: <http://periodicos.unifil.br/index.php/Revistateste/article/view/398>. Acesso em: 01 jun. 2021.

BROGNOLI, E.; PAGNAN, J. M.; LONGEN, W. C. Saúde Mental dos Trabalhadores da Educação. **Braz. J. Hea. Rev.**, Curitiba, v. 3, n. 5, p. 11521-11530, set./out. 2020. ISSN 2595-6825.

BUSANELLO, J.; FILHO, W. D. L.; D.; KERBER, N. P. C.; SANTOS, S. S. C.; LUNARDI, V. L.; POHLMANN F. C. Grupo focal como técnica de coleta de dados. **Cogitare Enfermagem**. 2013, 18(2), 358-364 ISSN: 1414-8536. Disponível em: <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=483649271022>. Acesso em: 15 mar 2022.

CANDAU, V. M. Cotidiano escolar e práticas interculturais. **Cadernos de Pesquisa**. v. 46 n.161, p. 802-820, jul./set., 2016.

CAMPOS, M. F. de; VIEGAS, M. F. Saúde mental no trabalho docente: um estudo sobre autonomia, intensificação e sobrecarga. **Cadernos de Pesquisa**, São Luís, v. 28, n. 2, p. 417–437, 2021. DOI: 10.18764/2178-2229.v28n2.202132. Disponível em: <https://cajapio.ufma.br/index.php/cadernosdepesquisa/article/view/13270>. Acesso em: 29 set 2021.

COELHO, E. A.; DA SILVA, A. C. P.; DE PELLEGRINI, T. B.; PATIAS, N. D. Saúde mental docente e intervenções da Psicologia durante a pandemia. **PSI UNISC**, v. 5, n. 2, p. 20-32, 10 jul. 2021.

COORDENAÇÃO DE APERFEIÇOAMENTO DE PESSOAL DE NÍVEL SUPERIOR - CAPES. **Produção Técnica**: relatório de grupo de trabalho. Brasília, DF: CAPES, 2019. p. 81. Disponível em: <https://www.gov.br/capes/pt-br/centrais-de-conteudo/10062019-producaotecnica-pdf>. Acesso em: 15 jan. 2023.

DEJOURS, C. Subjetividade, trabalho e ação. **Revista Produção**, 14 (3): 27 34. 2004. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010365132004000300004. Acesso em: 01 jun. 2021.

DEJOURS, C. **A Loucura do Trabalho**: estudo de psicopatologia do trabalho. 5. Ed. São Paulo: CORTEZ, 2010.

DEJOURS, C. **Psicodinâmica do trabalho**: Contribuições da Escola Dejouriana à análise da relação prazer, sofrimento e trabalho. São Paulo: Atlas, 2011.

Dejours, C. Psicodinâmica do trabalho e teoria da sedução. **Psicologia em Estudo**. 2012, v. 17, n. 3, pp. 363-371. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pe/a/ZCgmnvttLdFqdzFb3tdZ3zt/abstract/?lang=pt#>. Acesso em 23 Set 2021. ISSN 1807-0329.

DEJOURS, C. **A loucura do trabalho**. 6. Ed. São Paulo: Cortez-Oboré, 2018.

DUARTE, M. L. C. et al. Prazer e sofrimento no trabalho dos enfermeiros da unidade de internação oncopediátrica: pesquisa qualitativa. **Revista Brasileira de Enfermagem**, v. 74, n. Rev. Bras. Enferm., 2021; 74 supl 3, 2021.

FERREIRA, S. F.; SANTOS A. G. M. **Dificuldades e desafios durante o ensino remoto na pandemia**: Um estudo com professores do município de Queimadas – PB. Fortaleza- Ce. Edição 207. V.9. Ano 2021.

FERREIRA, L. G. Desenvolvimento profissional e carreira docente: diálogos sobre professores iniciantes. **Acta Scientiarum. Education**, [S.I], 39(1), 79-89, 2021.

VAZ FILHO, C. R. **A escolha pela docência como profissão e as dimensões da carreira do professor universitário**: um estudo com professores de uma Universidade Federal no interior de Minas Gerais, 2019. Disponível em:
<https://repositorio.ufu.br/bitstream/123456789/30122/1/EscolhaDocenciaProfiss%C3%A3o.pdf> Acessado em 21 de fev. 2023.

FISCHER, D.; PEREZ, K. V. "Eu sou quem então?": o trabalho docente na educação infantil e os impactos da organização do trabalho na dinâmica do reconhecimento. **Cad. psicol. soc. trab.**, São Paulo, v. 21, n. 2, p. 133-147, dez. 2019.
<http://dx.doi.org/10.11606/issn.1981-0490.v21i2p133-147>. Disponível em
http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S151637172018000200003&lng=pt&nrm=iso. Acesso em 01 out. 2021.

FLICK, U. **Métodos de pesquisa**: Introdução a Pesquisa Qualitativa. 3. Ed. Porto Alegre: Art Med, 2009.

FRANÇA, E. S.; MOTA, A. H. Prazer e sofrimento no trabalho: uma abordagem psicodinâmica. **Revista Negócios e Desenvolvimento Regional**, ano 8, nº1, p. 5-20, jun. 2021. Disponível em:
https://www.fvj.br/revista/wpcontent/uploads/2021/07/1_RBNDR_20211.pdf. Acesso em: 20 jan 2022.

FREIRE, P. Pedagogia do Oprimido. 18 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983. Valle, H. S. do, & Arriada, E. (2012). "Educar para transformar": a prática das oficinas. **Revista Didática Sistemica**, 14(1), 3–14. Disponível em:
<https://periodicos.furg.br/reds/article/view/2514>. Acesso em 01 out. 2021.

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 5. Ed. São Paulo: Atlas, 1999.

GIL, A. C. **Como elaborar projeto de pesquisa**. 6. Ed. ver. atual. São Paulo: Atlas, 2010.

KAPPES et al. Saúde mental de docentes no cenário da pandemia da Covid-19. **Congresso Internacional em Saúde**. n. 8, 2021.

LIBÂNEO, J. C. **Educação Escolar**: políticas, estrutura e organização. 5. Ed. São Paulo: Cortez, 2009.

LIMA, S., C., C. Reconhecimento no trabalho. In: VIEIRA, F., O. et al. (Org). **Dicionário crítico de gestão e psicodinâmica do trabalho**. Curitiba: Juruá, 2013. P. 350- 355.

LOSEKANN, G. C. B. R.; MOURÃO, H. C. Desafios do teletrabalho na Pandemia COVID-19: Quando o Home vira Office. **Caderno de administração**, 28, 71-75. Disponível em: <https://doi.org/10.4025/cadadm.v28i0.53637>. Acesso em 07 jan 2022.

LOURENÇO, V.; VALENTE, G. A docência e o cotidiano da escola pública: influências na saúde mental do professor. **Research, Society and Development**. 9. 10.33448/rsd-v9i8.5967, 2020. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/343221536_A_docencia_e_o_cotidiano_da_escola_publica_influencias_na_saude_mental_do_professor/citation/download. Acesso em 15 fev. 2021.

MACEDO, S. Ser mulher trabalhadora e mãe no contexto da pandemia COVID-19: tecendo sentidos. **Rev. NUFEN**, Belém, v. 12, n. 2, p. 187-204, ago. 2020. Disponível em http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S217525912020000200012&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 15 fev. 2022. <http://dx.doi.org/10.26823/RevistadoNUFEN.vol12.nº02rex.33>.

MACHADO, G. C.; SANTOS, A. M.; SILVA, R. S. Trabalho Docente: Reflexões sobre a saúde e o sofrimento psíquico do professor. **Revista Prâxis**, [S. l.], v. 1, p. 16–30, 2020. DOI: 10.25112/rpr. v1i0.2034. Disponível em: <https://periodicos.feevale.br/seer/index.php/revistapraxis/article/view/2034>. Acesso em: 1 jun. 2021.

MACHADO, C. M. I. Professores e sua escolha pela docência. XIII EDUCERE. IV Seminário Internacional de Representações Sociais, Subjetividade e Educação. **VI Seminário Internacional sobre Profissionalização Docente**, 2017. Disponível em: https://educere.bruc.com.br/arquivo/pdf2017/26695_13326.pdf. Acesso em: 01 de fev. 2023.

MASSI, G., WOSIACKI, F. T., GUARINELLO, A. C., LACERDA, A. B. M. de., Carvalho, T. P. de., WANDERBROOKE, A. C., Cairo, N. G., & LIMA, R. R. Envelhecimento ativo: um relato de pesquisa-intervenção. **Revista CEFAC**, 20(1), 5–12. <https://doi.org/10.1590/1982-0216201820113017>.

MENDES, E. V. **Uma agenda para a saúde**. Hucitec, São Paulo, 2012.

MOREIRA, L. M. S. **Pedagogia**: a escolha da profissão. 2021. Trabalho de Conclusão de Curso. Graduação em Pedagogia. a Universidade Federal da Fronteira Sul – Campus Erechim, Erechim, Rio Grande do Sul. Disponível em: <https://rd.uffs.edu.br/bitstream/prefix/4329/1/MOREIRA.pdf>. Acessado em 21 de fev. 2023.

LÜDKE, M.; ANDRÉ, M. E. D. **Pesquisa em educação**: abordagens qualitativas. 2. Ed. Rio de Janeiro: E.P.U., 2018.

MINAYO, M. C. S. (org.). **Pesquisa Social**: teoria, método e criatividade. Petrópolis: Vozes, 2008.

MONTEIRO, B. M. M. SOUZA, J. C. Saúde mental e condições de trabalho docente universitário na pandemia da COVID-19. **Investigação, sociedade e desenvolvimento**. v. 9, n.9, p. 1-16, 2020.

MOREIRA, D. Z.; RODRIGUES, M. B. Saúde mental e trabalho docente. **Estud. psicol.**

(Natal), Natal, v. 23, n. 3, p. 236-247, set. 2018. Disponível em http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413294X2018000300004&lng=pt&nrm=iso. Acesso em 1 out. 2021. <http://dx.doi.org/10.22491/1678-4669.20180023>.

MUHLSTEDT, A; HAGEMEYER, R. C. De C. A Influência da formação continuada em serviço na constituição dos saberes docentes: mapeando expectativas de professores do colégio estadual do Paraná. **Revista da UNIFBE**, [S.I], v. 1, n. 15, 2015.

NEVES, J. L. Pesquisa Qualitativa-Características, usos e possibilidades. **Caderno de Pesquisa em administração FEA- USP**. São Paulo, V. 1, nº 3, p. 1, 2º Sem./1996. Disponível em: <http://www.ead.fea.usp.br/cad-pesq/arquivos/C03-art06>. Acesso em 31 maio 2021.

NEVES, V. N. S.; FIALHO, L. M. F.; MACHADO, Charliton, J. S. M. Trabalho docente no Brasil durante a pandemia da Covid-19. **Educação Unisinos**. V.25, ISSN 2177-6210, Unisinos - doi: 10.4013/edu.2021.251.26.

OLIVEIRA, E. C. de; SANTOS, V. M. dos. Adoecimento mental em professores brasileiros. **Simpósio Internacional de Educação e Comunicação - SIMEDUC**, [S. l.], n. 10, 2021. Disponível em: <https://eventos.set.edu.br/simeduc/article/view/14868>. Acesso em: 15 mar. 2022.

PEREIRA, H. P.; SANTOS, F. V.; MANENTI, M. A. Saúde Mental de Docentes em Tempos de Pandemia: Os Impactos das Atividades Remotas. **Boletim de Conjuntura (BOCA)**, Boa Vista-RR, v.3, n.9, p. 26-32, 2020.

PEREIRA, B. Recentes Imposições à Formação de Professores e seus Falsos Pretextos: as BNC Formação Inicial e Continuada para Controle e Padronização da Docência. **Revista Brasileira De Pesquisa Em Educação Em Ciências**, [S.I],21,2021. <https://doi.org/10.28976/1984-2686rbpec2021u12771315>.

PEREIRA, F. A. **A ludicidade e resiliência**: como professoras de educação infantil lidam com o prazer e o sofrimento no contexto educativo. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal da Bahia. Faculdade de Educação, Salvador, 2010. Disponível em: <https://repositorio.ufba.br/bitstream/ri/9250/1/Fernanda%20Almeida%20Pereira.pdf>. Acesso em: 02 fev 2023.

PENTEADO, Regina Zanella; SOUZA, Samuel de. Mal-estar, sofrimento e adoecimento do professor: de narrativas do trabalho e da cultura docente à docência como profissão. **Saúde e Sociedade**. 2019, v. 28, n. 1, pp. 135-153. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0104-12902019180304>. Acesso em 241 set 2021.

PESSOA, A. R. R., MOURA, M. M. M.; FARIAS, I. M. S. A Composição do Tempo Social de Mulheres Professoras Durante a Pandemia. **LICERE-Revista do Programa de Pós-graduação Interdisciplinar em Estudos do Lazer**, 24(1), 161-194, 2021. Doi: 10.35699/2447- 6218.2021.29532.

PINHO, P. S. et al. Trabalho remoto docente e saúde: repercussões das novas exigências em razão da pandemia da Covid-19. **Trabalho, Educação e Saúde**, v. 19, 2021, e00325157. DOI: 10.1590/1981-7746-sol00325.

PINHO, P. S. **Gênero, trabalho, família e transtornos mentais comuns**: um estudo com docentes do ensino superior do ELSA-Brasil. 2018. 124f. Tese (Doutorado em Saúde Pública) - Instituto de Saúde Coletiva, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2018.

PONTES, A, P, S. A docência nas séries iniciais do ensino fundamental: reflexões sobre a escolha da profissão e sobre o exercício profissional. **Revista Educação**, Porto Alegre, v. 40, n. 1, p. 115-125, jan.-abr. 2017.

PRESTES, M. L. M. **A Pesquisa e a construção do conhecimento científico**: do planejamento aos textos, da escola a academia. 4. Ed. São Paulo: Rêspel, 2011.

ROCHA. G. S.; ROSSETTO, E. Saúde Mental de Professores em Contexto de Pandemia. SENPE - Seminário Nacional de Pesquisa em Educação (ISSN 2675-8970). v. 3 n. 1 (2020): **ANAIS DO III SENPE**.

RONDINI, C. A.; PEDRO, K. M.; DUARTE C. S. Pandemia da covid-19 e o ensino remoto emergencial: mudanças na prática pedagógica. **Interfaces Científicas**, Aracaju, V.10, N.1, p. 41 – 57, Número Temático – 2020.

SÁ, A. L.; NARCISO, A. L. C.; NARCISO, L. C. Ensino Remoto Em Tempos De Pandemia: Os Desafios Enfrentados Pelos Professores. **Anais do Encontro Virtual de Documentação em Software Livre e Congresso Internacional de Linguagem e Tecnologia Online**, [S.l.], v. 9, n. 1, nov. 2020. ISSN 2317-0239. Disponível em: http://www.periodicos.letras.ufmg.br/index.php/anais_linguagem_tecnologia/article/view/17773. Acesso em: 10 jan. 2022.

SAFATLE, V.; JUNIOR, N. S.; DUNKER, C. **Patologias do Social**: Arqueologias do Sofrimento Psíquico. 1. ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2018.

SAFATLE, V.; JUNIOR, N. S.; DUNKER, C. **Neoliberalismo como gestão do sofrimento psíquico**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2020.

SANTOS, G. M. R. F.; SILVA, M. E.; BELMONTE, B. R. COVID-19: ensino remoto emergencial e saúde mental de docentes universitários. **Revista Brasileira de Saúde Materno Infantil**. v. 21 (Supl. 1), p. S245-S251, 2021.

SANTOS, G. O.; MONTEIRO, J. K. Saúde Mental do Trabalha(dor) na Educação: Um relato de experiência a partir da clínica psicodinâmica do trabalho. **Trabalho (En) Cena**, 2018, 3(2) pp. 144-156. ISSN eletrônico 2526-1487. Disponível em <https://sistemas.uft.edu.br/periodicos/index.php/encena/article/view/4880/13240>. Acesso em: 02 out 2021.

SANTOS, R. A.; VIEIRA, E. P.; MOREIRA, M. S. P. O sentido do trabalho docente na educação infantil em tempo de pandemias da Covid-19. **Revista Latino-Americana de Estudos Científico** – ISSN 2675-3855 – v. 02, n.10, 2021.

SARAIVA, K.; TRAVERSINI, C.; LOCKMANN, K. A educação em tempos de Covi-19: ensino remoto e a exaustão docente. **Práxis Educativa**, Ponta Grossa, v.15, p. 1-24, ago. 2020.

SANTOS, W. A. Uma reflexão necessária sobre a profissão docente no Brasil, a partir dos cinco tipos de desvalorização do professor. **Sapere Aude**, v. 6, n. 11, p. 349-358, 2015.

SILVA, I. F. Sofrimento psíquico e mal-estar docente: uma interface com o trabalho, a saúde e a doença. **Anais VI CONEDU**. Campina Grande: Realize Editora, 2019. Disponível em: <https://editorarealize.com.br/artigo/visualizar/62647>. Acesso em: 28 out 2021.

SILVA, A. F. da. et al. Saúde mental de docentes universitários em tempos de pandemia. **Revista de Saúde Coletiva**. RJ. v. 30, n. 2, 2020.

SILVA, P. F. T.; BATISTA, A. A. R.; TROTTA, L. M. Impactos na saúde socioemocional dos educadores durante a pandemia de covid-19. **Revista Carioca de Ciência, Tecnologia e Educação** (online). v.5, n. especial, p. 80-82, 2020. Disponível em: <https://recite.unicarioca.edu.br/rccte/index.php/rccte/article/view/134>. Acesso em: 28 out 2021.

SOARES, A. L. O., ABRÃO, L. G. M. A saúde mental do professor. **Intercursos Revista Científica**, 14(1), 2017. Disponível em: <https://revista.uemg.br/index.php/intercursosrevistacientifica/article/view/2507>. Acesso: 30 maio 2021.

SOARES, B. K. F. **Escolha da carreira docente**: o que pensam as professoras iniciantes. 2021. Trabalho de Conclusão de Curso. Graduação em Pedagogia. Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, Paraíba, 2021. Disponível em: <https://repositorio.ufpb.br/jspui/bitstream/123456789/20431/1/BKFS06072021.pdf>. Acessado em 16 de fev. 2023.

SOUZA, A. R.; MELO, J. C. Educadora ou tia: os reflexos da feminização do magistério na construção da identidade profissional de professoras (as) da educação infantil. **Revista Inter Ação**, [S. l.], v. 43, n. 3, p. 697–709, 2019. DOI: 10.5216/ia.v43i3.48977. Disponível em: <https://www.revistas.ufg.br/interacao/article/view/48977>. Acesso em: 2 out 2021.

SOUZA, K. R. et al. Trabalho remoto, saúde docente e greve virtual em cenário de pandemia. **Trabalho, Educação e Saúde**, v. 19, 2021, e00309141. DOI: 10.1590/1981-7746-sol00309.

SPINK, M. J. P.; GIMENES, M da G. G. (Orgs.). **Práticas discursivas e produção de sentido**: apontamentos metodológicos para análise de discurso sobre saúde e doença. Saúde e Sociedade, v. 3, n. 2, p. 149-171, 1994.

SPINK, M. J. P.; MEDRADO, B. Produção de sentido no cotidiano: uma abordagem teórico- metodológica para análise das práticas discursivas. In: Spink, M. J. P. (Org). **Práticas discursivas e produção de sentidos no cotidiano**. São Paulo: Cortez, 1999.

SPINK, M. J. **Linguagem e produção de sentidos no cotidiano** [online]. Rio de Janeiro: Centro Edelstein de Pesquisas Sociais, 2010. 72 p. ISBN: 978-85-7982-046-5. Disponível em: <https://books.scielo.org/id/w9q43>. Acesso em: 04 mar 2022.

SPINK, M. J. P; BRIGADÃO, J. I. M.; NASCIMENTO, V. L. V.; CORDEIRO. M.; P. (orgs.). **A produção de informação na pesquisa social**: compartilhando ferramentas. Rio de Janeiro: Biblioteca virtual de ciências humanas do Centro Edelstein de Pesquisas Sociais, 2014.

TARDIF, M. **Saberes Docentes e formação profissional**. São Paulo: Editora Vozes, 2002.

TEODORA, E; RIBAS, S. M; OLIVEIRA, J. L. TRINDADE, R. **Valorização do professor: prioridade política, tensão ou incerteza?** 2019. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/cp/a/qbcvLbYP6QTZVssCGtrZjwd/?lang=pt> Acessado em 16 de fev. 2023.

TOSTES, M. V. et al. Sofrimento mental de professores do ensino público. **Saúde em Debate** [online]. 2018, v. 42, n. 116, pp. 87-99. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/0103-1104201811607>. ISSN 2358-2898. Acesso em: 20 jan 2022.

VIEIRA, E.; VOLQUIND, L. **Oficinas de ensino: O quê? Por quê? Como?** 4. ed. Porto Alegre: Edipucrs, 2002.

VIEIRA, M. C. D.; ARRUDA, L. F.; HASHIZUME, C. M. Políticas Públicas Educacionais e Pandemia: Reflexões Sobre a Saúde Mental a Partir de Depoimentos de Docentes. **Revasf**, Petrolina- Pernambuco, vol.11, n. 25, p. 340-362. 2021. ISSN: 2177-8183.

VEIGA, I. P. A. Formação de professores para a Educação Superior e a diversidade da docência. **Rev. Diálogo Educ.**, Curitiba, v. 14, n. 42, p. 327-342, maio/ago. 2014. Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/1891/189131701002.pdf> Acessado em 16 de fev. 2023.

WHO. World Health Organization. **Novel Coronavirus (2019-nCoV):** situation report, 12, 2020.

ZAMONER, Z; TERUYA, M. C. M; SOUZA, M. A; SUAVE, A. M; MONTEIRO, P. O. A percepção de professores do ensino fundamental e de alunos da pedagogia sobre o futuro da profissão docente. **Revista Humanidades e Inovação, [S.I]**, v.8, n.34, 2021.

ANEXO A - Termo de consentimento livre e esclarecido

Prezado(a) senhor(a),

Você está sendo convidada para participar como voluntária do projeto de pesquisa intitulado A Docência e seus (Des)Prazeres No Contexto Da Educação Infantil, que pretende analisar os processos de produção de saúde e adoecimento no exercício da profissão docente na educação infantil, vinculado ao Mestrado Profissional em Psicologia da Universidade de Santa Cruz do Sul - UNISC. A pesquisadora responsável por este Projeto de Pesquisa é Andréa da Silva Dantas Santos, que poderá ser contatada a qualquer tempo através do número (86) 9 9408-6958 e do e-mail andreadantas@mx2.unisc.br.

Sua participação é possível pois você atende aos critérios de inclusão previstos na pesquisa, os quais são ser professora da educação infantil atuante há mais de cinco anos em um dos centros municipais de educação infantil localizados na zona norte de Teresina- PI, com aquiescência em participar da pesquisa. Sua participação se dará em participar de um grupo focal durante três encontros, que ocorrerão nos dias de Terça e Quinta, com previsão de duração média de até 2h. Os grupos focais ocorrerão dentro do espaço escolar, no período de Maio à Julho de 2022.

Nessa condição, é possível que alguns desconfortos aconteçam, como ansiedade por falar das dificuldades enfrentadas no exercício da docência. Os riscos/desconfortos, se ocorrerem, serão minimizados através do acolhimento pela pesquisadora/mediadora, a fim de reduzir a ansiedade gerada pelo diálogo. Por outro lado, a sua participação trará benefícios, como a contribuição com a construção do conhecimento acerca do tema estudado e a melhor compreensão acerca das vivências e da saúde mental das docentes.

Para sua participação nessa pesquisa você não terá nenhuma despesa com transporte, alimentação, exames, materiais a serem utilizados ou despesas de qualquer natureza. Ao final da pesquisa você terá acesso aos resultados através de uma apresentação em reunião com os participantes da pesquisa (pesquisadas) para divulgar o resultado da mesma e apresentar o produto técnico, assim como o receberá por e-mail e terá acesso ao artigo científico publicado em periódico científico.

Pelo presente Termo de Consentimento Livre e Esclarecido eu, _____ RG ou CPF _____ declaro que autorizo a minha participação neste projeto de pesquisa, pois fui informada, de forma clara e detalhada, livre de qualquer forma de constrangimento e coerção, dos objetivos, da justificativa e dos procedimentos que serei submetida, dos riscos, desconfortos e benefícios, assim como das alternativas às quais poderia ser submetida, todos acima listados. Ademais, declaro que, quando for o caso, autorizo a utilização de minha imagem e voz de forma gratuita pela pesquisadora, em quaisquer meios de comunicação, para fins de publicação e divulgação da pesquisa, desde que eu não possa ser identificado através desses instrumentos (imagem e voz).

Fui, igualmente, informada:

- a) da garantia de receber resposta a qualquer pergunta ou esclarecimento a qualquer dúvida acerca dos procedimentos, riscos, benefícios e outros assuntos relacionados com a pesquisa;
- b) da liberdade de retirar meu consentimento, a qualquer momento, e deixar de participar do estudo, sem que isto traga prejuízo à continuação de meu cuidado e tratamento;
- c) da garantia de que não serei identificada quando da divulgação dos resultados e que as informações obtidas serão utilizadas apenas para fins científicos vinculados ao presente projeto de pesquisa;
- d) do compromisso de proporcionar informação atualizada obtida durante o estudo; ainda que esta possa afetar a minha vontade em continuar participando;
- e) da disponibilidade de tratamento médico e indenização, conforme estabelece a legislação, caso existam danos a minha saúde, diretamente causados por esta pesquisa; e,
- f) de que se existirem gastos para minha participação nessa pesquisa, esses serão absorvidos pelo orçamento da pesquisa.

O presente documento foi assinado em duas vias de igual teor, ficando uma com o voluntário da pesquisa ou seu representante legal e outra com o pesquisador responsável.

O Comitê de Ética em Pesquisa responsável pela apreciação do projeto pode ser consultado, para fins de esclarecimento, através do seguinte endereço: Av. Independência, 2293, Bloco 13 - Sala 1306; ou pelo telefone (51) 3717-7680; ou pelo e-mail cep@unisc.br

Local: _____

Data: ____/____/____

Nome e assinatura do voluntário

Nome e assinatura do responsável pela
apresentação desse Termo de
Consentimento Livre e Esclarecido

ANEXO B - Carta de aceite de instituição parceira

Teresina-PI, ____ de _____ de 2022.

Ao Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade de Santa Cruz do Sul, CEP-UNISC

Prezados Senhores,

Declaramos para os devidos fins conhecer o projeto de pesquisa intitulado: “A Docência e Seus (Des)Prazeres No Contexto Da Educação Infantil”, desenvolvido pela mestrandia Andréa da Silva Dantas Santos do Programa de Pós-Graduação em Psicologia - Mestrado Profissional, da Universidade de Santa Cruz do Sul-UNISC, sob a orientação da professora Dr^a Edna Linhares Garcia, bem como os objetivos e a metodologia da pesquisa e autorizamos o desenvolvimento nos seguintes Centros Municipais de Educação Infantil: Cmei Monte Verde, Cmei Rubem Alves, Cmei Tereza Cristina, Cmei Joel Mendes, Cmei Zélia Gattai Amado e Cmei Natureza.

Informamos concordar com o parecer ético que será emitido pelo CEP-UNISC, conhecer e cumprir as Resoluções do CNS 466/12 e 510/2016 e demais Resoluções Éticas Brasileiras e a Norma Operacional 001/2013. Esta instituição está ciente das suas corresponsabilidades como instituição coparticipante do presente projeto de pesquisa e no seu compromisso do resguardo da segurança e bem-estar dos pesquisados nela recrutados, dispondo de infraestrutura necessária para tanto.

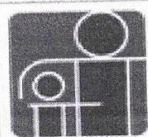
Atenciosamente,

Nome do responsável na instituição: _____

Cargo do responsável na instituição: _____

Assinatura do responsável na instituição: _____

ANEXO C - Parecer cep



CEP
COMITÊ DE ÉTICA
EM PESQUISA
DA UNISC

UNISC - UNIVERSIDADE DE
SANTA CRUZ DO SUL



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: A DOCÊNCIA E SEUS (DES)PRAZERES NO CONTEXTO DA EDUCAÇÃO INFANTIL

Pesquisador: ANDREA DA SILVA DANTAS SANTOS

Área Temática:

Versão: 1

CAAE: 57930122.8.0000.5343

Instituição Proponente: Universidade de Santa Cruz do Sul - UNISC

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 5.385.589

Apresentação do Projeto:

Trata-se de um projeto de pesquisa intitulado "A DOCÊNCIA E SEUS (DES)PRAZERES NO CONTEXTO DA EDUCAÇÃO INFANTIL" apresentado pela pesquisadora responsável ANDREA DA SILVA DANTAS SANTOS. Este projeto visa "analisar os processos de produção de saúde e adoecimento no exercício da profissão docente na educação infantil na perspectiva das professoras".(objetivo principal).

Objetivo da Pesquisa:

Os objetivos estão presentes e são claros. São os seguintes:

Objetivo Primário:

Analisar os processos de produção de saúde e adoecimento no exercício da profissão docente na educação infantil na perspectiva das professoras.

Objetivo Secundário:

- Descrever o entendimento sobre os processos de produção de saúde mental vivenciados pelas professoras da educação infantil no ambiente escolar.
- Caracterizar o sofrimento vivido a partir de elementos elencados nos discursos das professoras.
- Apontar o reflexo do desgaste mental dessas professoras com a ampliação dos processos de trabalho no contexto da Pandemia da Covid- 19.

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

A avaliação está presente e é clara. É a seguinte:

Endereço: Av. Independência, nº 2293 -Bloco 13, sala 1306

Bairro: Universitário

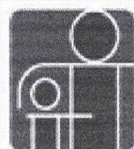
CEP: 96.815-900

UF: RS

Município: SANTA CRUZ DO SUL

Telefone: (51)3717-7680

E-mail: cep@unisc.br



CEP
COMITÊ DE ÉTICA
EM PESQUISA
DA UNISC

**UNISC - UNIVERSIDADE DE
SANTA CRUZ DO SUL**



Continuação do Parecer: 5.385.589

Riscos:

A participação na pesquisa acarretará riscos mínimos para a participante, visto que o teor das perguntas pode aflorar questões relacionadas à ansiedade por falar das dificuldades enfrentadas no exercício da docência.

Benefícios:

A contribuição com a construção do conhecimento acerca do tema estudado e a melhor compreensão acerca das vivências e da saúde mental dos docentes.

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

Tendo por base toda a estrutura da pesquisa, o tratamento dos dados será realizado com base na temática, a partir dos sentidos emergidos nas narrativas dos sujeitos pesquisados, ou seja, "uma síntese dos principais aspectos em termos de conteúdo" (SPINK, 2010, p. 65).

Assim, o estudo nos possibilitará encontrar respostas plausíveis para o problema, nos dando a oportunidade de conhecermos o fenômeno estudado e a partir disso nos possibilitará propor uma intervenção que gere efeito efetivo na realidade estudada.

Serão formados seis grupos focais, um em cada CMEI, cada grupo será composto por cinco professoras que atendam aos critérios de inclusão. A pesquisa se dará nos Centros Municipais de Educação Infantil onde atualmente as professoras estão lotadas e os encontros dos grupos focais acontecerá nos dias de Terça e quinta- feira, por ser o dia dos horários pedagógicos das docentes.

Tamanho da amostra: 30

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

Todos os documentos estão presentes.

Recomendações:

Vide Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações.

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

Projeto aprovado e em condições de ser executado conforme documentos postados na Plataforma Brasil, analisados e validados pelo CEP-UNISC.

Considerações Finais a critério do CEP:

PROJETO APROVADO e em condições de ser executado conforme documentos anexados à Plataforma Brasil e validados pelo CEP-UNISC.

Alerta-se o pesquisador responsável para a necessidade de realizar e encaminhar ao CEP-UNISC, via Plataforma Brasil, os Relatórios Parciais de Acompanhamento da Pesquisa e o Relatório Final de Acompanhamento da Pesquisa. Os formulários para os relatórios estão disponíveis no link do CEP-

Endereço: Av. Independência, nº 2293 -Bloco 13, sala 1306

Bairro: Universitario

CEP: 96.815-900

UF: RS

Município: SANTA CRUZ DO SUL

Telefone: (51)3717-7680

E-mail: cep@unisc.br

Continuação do Parecer: 5.385.589

UNISC (<https://www.unisc.br/pt/pesquisa/comite-de-etica>), aba Documentação, Arquivo "Modelo de Relatório Parcial ou Final de Pesquisa". É o mesmo formulário para ambos os relatórios (as marcações no próprio formulário é que diferem, a depender da natureza do projeto).

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_1927924.pdf	18/04/2022 12:39:16		Aceito
Outros	cartadeapresentacao.pdf	18/04/2022 12:38:58	ANDREA DA SILVA DANTAS SANTOS	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	Projeto.pdf	18/04/2022 12:37:26	ANDREA DA SILVA DANTAS SANTOS	Aceito
Cronograma	cronograma.pdf	18/04/2022 12:36:35	ANDREA DA SILVA DANTAS SANTOS	Aceito
Folha de Rosto	FOLHADEROSTOASSINADA.pdf	11/04/2022 09:22:46	ANDREA DA SILVA DANTAS SANTOS	Aceito
Outros	autorizacao.pdf	07/04/2022 21:31:28	ANDREA DA SILVA DANTAS SANTOS	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	tcle.pdf	07/04/2022 21:27:31	ANDREA DA SILVA DANTAS SANTOS	Aceito
Orçamento	orcamento.pdf	07/04/2022 21:26:58	ANDREA DA SILVA DANTAS SANTOS	Aceito

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

SANTA CRUZ DO SUL, 03 de Maio de 2022

Assinado por:
Renato Nunes
(Coordenador(a))

Endereço: Av. Independência, nº 2293 -Bloco 13, sala 1306**Bairro:** Universitário**CEP:** 96.815-900**UF:** RS**Município:** SANTA CRUZ DO SUL**Telefone:** (51)3717-7680**E-mail:** cep@unisc.br

ANEXO D - Formulário de perguntas norteadoras do grupo focal

1. Como se deu a escolha da profissão?
2. O que você idealiza da profissão?
3. O que pensa sobre a profissão docente?
4. O que espera/ esperava da profissão?
5. Qual é realmente o trabalho de um docente no contexto social?
6. Qual é o trabalho prescrito aos professores e qual trabalho realmente é realizado?
Quais os prazeres da profissão docente? E quais os desprazeres?
7. O que te mantém criativa no ambiente escolar?
8. Sabemos que o contexto pandêmico trouxe inúmeros desafios para a prática docente.
Para você, qual foi o maior desafio enfrentado?

ANEXO E - Cronograma de encontros dos grupos focais

Data	Assuntos abordados	Atividade previstas
1º Encontro	1º Encontro	1º Encontro
Cmei Monte Verde 25/08 - Manhã	Escolha da docência, processos de produção de saúde e doença, trabalho feminino, Pandemia Covid-19.	Apresentação dos objetivos da pesquisa, apresentação das participantes, leitura do texto: Ser professor, desenho do autorretrato profissional, reflexão sobre a temática e dialogo sobre as questões norteadoras.
Cmei Rubens Alves 25/08 - Tarde		
Cmei Tereza Cristina 30/08 - Manhã		
Cmei Joel Mendes 30/08 - Tarde		
Cmei Zelia Gatai Amado 01/09 - Tarde		
Cmei Natureza 01/09 - Manhã		
2º Encontro	2º Encontro	2º Encontro
Cmei Monte Verde 08/09 - Manhã	A valorização do professor.	Contextualização do assunto, reflexão sobre a temática, produção de uma lista com sugestões de como a sociedade pode valorizar os professores, produção de um painel com os sentimentos vivenciados pelas professoras diante da desvalorização vivida no cotidiano.
Cmei Rubens Alves 08/09 - Tarde		
Cmei Tereza Cristina 13/09 - Manhã		
Cmei Joel Mendes 13/09 - Tarde		
Cmei Zelia Gatai Amado 25/09 - Tarde		
Cmei Natureza 15/09 - Manhã		
3º Encontro	3º Encontro	3º Encontro
Cmei Monte Verde 22/09 Manhã	A importância da saúde mental dos profissionais docente.	Reflexão sobre a temática através de recortes de noticiários construção de cartazes com frases e/ou imagens de estratégias e possibilidades de ações das professoras junto aos outros sujeitos escolares, comunidade e seus familiares, para mostrar a importância da saúde física e mental das mesmas, para que elas tenham qualidade de vida para que isso reflita na prática docente.
Cmei Rubens Alves 22/09 - Tarde		
Cmei Tereza Cristina 27/09 - Manhã		
Cmei Joel Mendes 27/09 - Tarde		
Cmei Zelia Gatai Amado 29/09 - Tarde		
Cmei Natureza 29/09 - Manhã		